

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALAN CRISTHIAN MICHELMANN

**FRANKLIN CASCAES, A DIVULGAÇÃO TURÍSTICA DE FLORIANÓPOLIS
E A INVENÇÃO DA "ILHA DA MAGIA".**

ILHA DE SANTA CATARINA

JULHO DE 2015

ALAN CRISTHIAN MICHELMANN

**FRANKLIN CASCAES, A DIVULGAÇÃO TURÍSTICA DE FLORIANÓPOLIS
E A INVENÇÃO DA "ILHA DA MAGIA".**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História, no Curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Profº. Dr. Henrique Luiz Pereira Oliveira.

ILHA DE SANTA CATARINA

JULHO DE 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Alan Cristhian Michelmann, matrícula n.º 09265002, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Franklin Cascaes. a divulgação turística de Florianópolis e a invenção da "Ilha da magia", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 13 de julho de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador(a) sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA


ATA DE DEFESA DE TCC

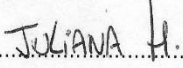
Aos sete dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às quatorze horas, no Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Henrique Luiz Pereira Oliveira**, Orientador e Presidente, Professora **Renata Palandri Sigolo Sell**, Titular da Banca, e Professora **Juliana Hachmann**, Suplente, designados pela Portaria nº 78/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Alan Cristhian Michelmann**, subordinado ao título: “**Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a invenção da “Ilha da Magia”**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Henrique Luiz Pereira Oliveira**, a nota final **9,5**, da Professora **Renata Palandri Sigolo Sell**, a nota final **9,0**, e da Professora **Juliana Hachmann**, a nota final **10,0**, sendo aprovado com a nota final **9,5**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dezesseis de julho de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.


Florianópolis, 7 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. **Henrique Luiz Pereira Oliveira**.....

Prof. **Renata Palandri Sigolo Sell**.....

Prof. **Juliana Hachmann**.....

Candidato **Alan Cristhian Michelmann**.....

AGRADECIMENTOS

A caminhada ao longo de minha graduação e este trabalho de conclusão não se fariam de todo possíveis sem estas pessoas e instituições, aos quais dedico meus sinceros agradecimentos:

A minha irmã, Aline Cristhina Michelmann, parceira e incentivadora em todos os momentos, confiando em minha caminhada e me segurando quando pensei ser difícil continuar. Tenho muito orgulho de ti.

A Juliana Trindade Arces. Companheira franca e incentivadora. Nos momentos mais difíceis da produção desse trabalho, você me ouviu e me deu as palavras exatas nas horas exatas.

Aos verdadeiros (as) amigos (as) ao longo dessa vida, que estiveram sempre por perto, seja para chamar a atenção ou elogiar no decorrer de minha jornada acadêmica.

Ao amigo “intransigente” Marcelo Zaffi. É o argentino mais brasileiro que conheço. Sua ajuda com o idioma espanhol foi essencial.

A equipe do Colégio Elcana, em Palhoça, em especial, ao diretor Jenilson Natan Schutz, à professora Elizete Iahn Reginaldo e ao amigo e professor Murilo Moreira, sem vocês o início de minha carreira de professor não se faria possível.

Aos professores Carlos (Carlão), Maria Nilza e Manoel (Nelinho). Vocês três foram essenciais para minha escolha em fazer um curso universitário. Ser professor e crer que é possível um mundo melhor.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e ao Departamento de História, por terem me proporcionado todas as condições para que assim pudesse ter uma graduação de qualidade e conseguido, antes mesmo de concluir o curso, atuar nos campos da pesquisa e ensino. Terminei esse ciclo acadêmico certo de minha escolha inicial e da carreira (ou ofício) que estou seguindo. Estou fazendo a minha história.

Ao professor Henrique Luiz Pereira Oliveira, o primeiro a me incentivar a pensar no TCC, ainda em 2009 e, anos após, veio a ser o meu orientador neste trabalho. Um entusiasta da graduação. A paciência com as diversas idas e vindas de minha pesquisa foram essenciais.

A Deus. Acreditei, fui na fé e me permiti andar em seu caminho. Lhe rendo reconhecimento e gratidão por teres sempre estado junto comigo.

Em memória:

Silvia, incentivadora, amiga, um esteio. Minha mãe, saudades e orgulho.

Rolf, um exemplo. Pai, segui exatamente o que pediste há 23 anos atrás.

Obrigado para sempre.

SUMÁRIO

RESUMO	8
RESUMEN	9
LISTA DE FIGURAS	10
SIGLAS	11
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: FRANKLIN CASCAES: A CULTURA POPULAR E A IDENTIDADE AÇORIANA NA CAPITAL CATARINENSE	17
1.1 Franklin Cascaes e os rumos de sua obra a partir da década de 1970	26
CAPÍTULO 2: A OBRA DE FRANKLIN CASCAES E O TURISMO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM?	34
2.1. Pensando o turismo em Florianópolis: décadas de 1950-1980	36
2.2 Florianópolis na década de 1980: a cultura à “serviço” do turismo	44
CAPÍTULO 3: FRANKLIN CASCAES: INSPIRAÇÃO PARA A TELEVISÃO	53
3.1 A televisão nacional na década de 1980: Globo e Manchete	53
3.2 Manchete e a “Ilha da Magia”: Franklin Cascaes na TV	55
3.3. Aspectos da minissérie Ilha das Bruxas	57
3.4. Repercussão de Ilha das Bruxas	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
BIBLIOGRAFIA	72
JORNAIS	75
INTERNET	76
FONTES	77

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo pensar os aspectos da vida e obra de Franklin Cascaes e analisar como essa obra serviu para promoção turística de Florianópolis. Escolhemos dois acontecimentos para a compreensão deste processo: o XVI Congresso da Associação Brasileira dos Agentes de Viagens – ABAV, ocorrida em agosto de 1988, onde Florianópolis teve uma divulgação inspirado na obra de Cascaes; e a adaptação de textos de Cascaes para a televisão por intermédio da produção da minissérie intitulada *Ilha das Bruxas*, exibida em 1991. Os três capítulos presentes neste trabalho discorrerão sobre as transformações na recepção da obra e Franklin Cascaes. Sobre o desenvolvimento turístico da capital catarinense e sobre o modo como a obra de Cascaes e a cidade de Florianópolis foram abordadas na minissérie *Ilha das Bruxas*.

Palavras-chave: Cultura popular, Florianópolis, identidade açoriana, turismo, televisão.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo pensar los aspectos de la vida y obra de Franklin Cascaes y analizar cómo esta obra sirvió para promocionar turísticamente a Florianópolis. Escogimos dos acontecimientos para comprender este proceso: el XVI Congreso de la Asociación Brasileira de los Agentes de Viaje – ABAV, que fue en agosto de 1988, donde Florianópolis tuvo una divulgación inspirada en las obras de Cascaes; y la adaptación de textos de Cascaes para la televisión por intermedio de una producción de una mini serie titulada *Isla de las Brujas*, exhibida en 1991. Los tres capítulos presentes en este trabajo hablarán sobre las transformaciones en el recibimiento de la obra de Franklin Cascaes. Sobre el desenvolvimiento turístico de la capital catarinense y sobre el modo como la obra de Cascaes y la ciudad de Florianópolis fueron tratadas en la mini serie *Isla de las Brujas*.

Palabras claves: Cultura popular, Florianópolis, identidad azoriana, turismo, televisión.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Divulgação da minissérie Ilha das Bruxas. Folha de São Paulo. 03 de março de 1991.....p.59.

Figura 2. Divulgação de programa sobre os bastidores da minissérie Ilha das Bruxas. O Estado. 03 de março de 1991.....p.63.

SIGLAS

ABAV: Associação Brasileira dos Agentes de Viagens.

ABAV-SC: Associação Brasileira dos Agentes de Viagens, secção Santa Catarina.

CITUR: Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina.

FCFFC: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

FSP: Folha de São Paulo.

GETUR: Grupo Executivo para o Desenvolvimento do Turismo em Santa Catarina.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IHGSC: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

IFSC: Instituto Federal de Santa Catarina.

ONU: Organização das Nações Unidas.

PLAMEG: Plano de Metas do Governo.

SANTUR: Santa Catarina Turismo S/A.

SETUR: Secretaria de Turismo de Florianópolis.

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso.

TURESC: Empresa de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina.

UFPR: Universidade Federal do Paraná.

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina.

UDESC: Universidade do Estado de Santa Catarina.

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Cultura e para a Ciência.

USP: Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

O interesse sobre a obra de Franklin Cascaes veio da curiosidade sobre a particularidade da construção da imagem da capital catarinense, baseando-se nos elementos mágicos, principalmente as histórias de bruxas, coletados e recriados por Cascaes por cerca de três décadas. Nascido em 1908 na praia do Itaguaçu, à época pertencente ao município de São José, cresceu em meio aos trabalhadores do campo e do mar da região de Florianópolis. A variedade da obra produzida por Cascaes (desenhos, relatos, esculturas, etc.) me ajudou a ampliar a seguinte curiosidade: o fato da capital catarinense ser associada a ideia de um local de encantos, onde personagens fantásticos, a exemplo da bruxa, ajudavam a criar a percepção de uma cidade com um “ar mágico”, “encantador”, atraindo muitas pessoas para cá.

A partir de uma pesquisa dentro da disciplina de História de Santa Catarina, ministrada no primeiro semestre de 2010 pela Professora Dra. Janine Gomes da Silva, consegui abordar de forma introdutória a vida e a obra do artista Franklin Cascaes em conjunto com uma colega de curso. O processo de pesquisas, leituras e as constantes descobertas sobre a temática trouxeram não apenas uma boa apresentação como também a adaptação desta pesquisa em artigo, que fora apresentado em 2013 na Semana Acadêmica de História da UDESC¹. A escolha para o futuro Trabalho de Conclusão de Curso - TCC estava feito. O desafio seguinte era o de delimitar quais caminhos tomar para a pesquisa a ser feita mais adiante, estabelecendo um recorte e problemática.

Trabalhos, livros, artigos e teses sobre aspectos da vida e da obra de Franklin Cascaes têm sido divulgados nos últimos anos, desde análises sobre as composições artísticas² até a vida deste como professor da Escola Industrial de Florianópolis³. Este trabalho, após uma série de reuniões com o Professor Henrique Luiz Pereira Oliveira, foi identificando possíveis caminhos de problematização desta obra deixada por Cascaes.

Trabalhar Franklin Cascaes, cultura, identidade, turismo e televisão nos permite utilizar uma grande variedade de fontes. Combinar os diversos materiais, encontrados em locais igualmente dispersos mostrou-se uma tarefa complexa. Neste trabalho foram

¹ Cf. Anais IV Semana Acadêmica de História da UDESC, Florianópolis. 2013. Disponível em: <<http://www.anaissemanahistoriaudesc.com.br/p/edicao-atual.html>>. Acesso em 02 de maio de 2014.

² Cf. ESPADA, Heloísa. **Na cauda do boitatá**: estudo do processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis. Letras Contemporâneas, 1996.

³ Cf. MEIRA, Denise Araújo. **Rompendo Silêncios**: A trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941-1970). Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Educação. 2009

utilizadas diversas fontes: audiovisuais, relatos orais, diversas edições de jornais, bem como dissertações e farta consulta à internet.

A utilização de diversos tipos de fontes, também se justifica por conta do recorte temporal escolhido, no caso, entre 1946-1991. Entre as fontes utilizadas, destaco os jornais. Além da pesquisa em edições “físicas”, principalmente as do jornal O Estado, disponíveis na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – BPSC, foram consultadas edições digitalizadas e disponibilizadas na internet, como o jornal Folha de São Paulo. Esse tipo de fonte atualmente está fartamente disponível na rede internacional de computadores em diversas páginas virtuais, sendo possível encontrar exemplares de jornais raros, inclusive, da primeira metade do século XIX⁴.

Inicialmente, um recorte temporal sobremaneira extenso causava-me preocupação, posto as minhas limitações de tempo em virtude de exercer a carreira de professor na cidade onde resido, Palhoça. Com o decorrer das reuniões com o professor Henrique foi sendo desenvolvida a ideia de perpassar a vida e obra de Franklin Cascaes dentro dos seguintes pontos:

1. O início de carreira na Escola Industrial de Florianópolis (atual IFSC) no ano de 1941, passando pelas coletas e registros de relatos orais, analisar o momento em que seu trabalho tem uma retração em virtude de sua aposentadoria em 1970 e, no começo de 1971 com a morte de sua esposa, Elizabeth Pavan Cascaes;
2. O encontro com Gelci José Coelho, o Peninha, em 1972 que trouxe Cascaes ao cenário de vanguarda artística da Ilha de Santa Catarina, tendo como marco a exposição no Studio A/2, de propriedade do jornalista Beto Stodieck;
3. Com a morte do professor Cascaes, em março de 1983, aumenta sobremaneira o interesse pela obra produzida por este e, também, pela cultura de origem “luso-açoriana”, tornando Cascaes referência dessa cultura nos anos seguintes;

⁴ Cf. as páginas virtuais do Arquivo Público do Estado de São Paulo <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>>, e da Biblioteca Nacional <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Estes são apenas dois exemplos da quantidade de jornais digitalizados disponíveis para consulta, não apenas por historiadores, mas para o público em geral.

4. Evidenciar algumas ações articulando a obra de Cascaes e a divulgação da cidade como portadora de determinados traços culturais: neste caso abordaremos o XVI Congresso da Associação Brasileira dos Agentes de Viagens – ABAV, em 1988, e a produção e exibição da minissérie *Ilha das Bruxas*, em 1991.

Tais pontos foram percebidos ao longo do processo de pesquisa de material, ainda na disciplina de Projeto de Pesquisa Histórica, ministrada pela Professora Liane Maria Nagel, no ano de 2014, e reuniões com o Professor Henrique, a partir da delimitação do recorte temporal e quais fatos ajudariam a nortear o argumento deste trabalho. Se mostrou prudente debater Franklin Cascaes por intermédio de acontecimentos pontuais, como o I Congresso Catarinense de História, em 1948, o encontro com Peninha, no começo da década de 1970 e os usos do legado deixado por Cascaes, nos anos 1980.

Para debater a questão do turismo em Florianópolis, a opção foi mostrar como os interesses em explorar a capital catarinense para fins turísticos foram se organizando a ponto de cultura e turismo andarem por caminhos semelhantes. Buscamos então encontrar um elo, ou elos entre a obra deixada por Cascaes e a divulgação turística de Florianópolis, resignificando a cidade e a obra do artista.

Ampliando as leituras sobre diversos aspectos que se ligam ao que Cascaes fez ao longo de sua vida, além dos usos que essa obra serviu para diferentes discursos, foi necessária uma prudente organização do recorte temporal e um recorte específico no estudo da obra de Cascaes, focando-se em duas linhas de raciocínio:

Em linhas gerais, discorreremos sobre o professor Cascaes, a partir de determinado momento praticamente tornou-se um sinônimo da cultura da Ilha de Santa Catarina. Tomamos como marco inicial o ano de 1946, quando inicia o processo de coletar informações e relatos da cultura popular no interior da Ilha de Santa Catarina, segundo o próprio Cascaes, uma cultura em processo de desaparecimento; em seguida descrevemos como Franklin e sua obra eram percebidos pelo meio acadêmico, artístico e imprensa no fim dos anos 1940 e ao longo dos anos 1950, principalmente; para posteriormente estudar a “descoberta” de sua obra pelo artista Gelci José Coelho, conhecido por “Peninha” e a resignificação da obra de Cascaes ao longo dos anos 1970.

A segunda linha de raciocínio é a questão do uso da obra de Franklin Cascaes pelo *marketing* turístico de Florianópolis. Como marco deste processo destacarei o caso do estande de divulgação da capital catarinense no XVI Congresso da Associação Brasileira

dos Agentes de Viagens – ABAV, em agosto de 1988 em São Paulo, onde as bruxas e poções, acompanhados de um cenário propício a dar o clima fantástico ao visitante, marcaram a divulgação de Florianópolis.

Pensar Franklin Cascaes requer uma atenção especial à questão da cultura, termo este amplo de conceituações. No decorrer dos capítulos desse trabalho perceberemos que delimitar e apresentar ao leitor e leitora qual entendimento temos de cultura e de “cultura popular” será essencial para apresentar os pontos que focaremos nesse trabalho. Nesse ponto Roger Chartier e Martha Abreu me auxiliarão ao que será observado ao longo do primeiro capítulo deste trabalho.

A questão da identidade cultural do litoral catarinense, focado numa “cultura açoriana” terá seus aspectos abordados, e o estudo de João Leal sobre o tema nos dará uma via de análise consistente, bem como a repercussão nas edições do jornal O Estado de outubro do ano de 1948, quando do I Congresso de História de Santa Catarina, onde os elementos culturais de matriz portuguesa se mostraram evidentes, face a programação de atividades, como apresentação de trabalhos, palestras e passeios temáticos e intervenções artísticas.

A respeito do próprio Franklin Cascaes, dialogaremos com alguns autores, com destaque para a coletânea de entrevistas de Raimundo Caruso, as investigações de Evandro de Souza, Adalice Maria Araújo e Heloísa Espada, sobre aspectos da obra de Cascaes, bem como publicações em jornais entre as décadas de 1950 e 1970 e, também, a entrevista concedida a mim por Gelci José Coelho, o “Peninha” em outubro de 2014.

O segundo capítulo deste trabalho será dedicado a abordar a questão do desenvolvimento do turismo em Florianópolis. Nos embasamos na obra de Antônio Pereira Oliveira, bem como em dissertações sobre o tema e matérias em jornais, neste caso, principalmente, aquelas publicadas na segunda metade da década de 1980 e início da década de 1990. Esses estudos sobre o turismo nos darão um essencial auxílio para compreender como a obra de Franklin Cascaes passou a servir como elemento propagador da cultura da Ilha de Santa Catarina.

O terceiro capítulo abordará o uso da obra de Cascaes por intermédio da televisão, onde se destacou a produção da minissérie *Ilha das Bruxas*, exibida pela Rede Manchete em 1991. A produção foi a primeira para a televisão em que Florianópolis serviu de cenário. A cultura local, a obra de Cascaes, e as intenções em explorar o turismo na Ilha de Santa Catarina se encontram.

O trabalho buscará analisar e demonstrar ao leitor e leitora como a obra de Franklin Cascaes, a cultura na Ilha de Santa Catarina e o turismo foram abordados e aproximados, dando outra dinâmica para a cidade de Florianópolis nos anos 1980 se acentuando nas décadas seguintes.

CAPÍTULO 1: FRANKLIN CASCAES: A CULTURA POPULAR E A IDENTIDADE AÇORIANA NA CAPITAL CATARINENSE

Franklin Joaquim Cascaes nasceu na Praia de Itaguaçu - quando a localidade ainda pertencia ao município de São José - no ano de 1908, e faleceu em março de 1983 na capital catarinense, Florianópolis. De família proprietária de terras naquela região, cresceu, conviveu e apreendeu sobre o modo de vida daqueles que trabalhavam na propriedade de seus pais. Muito disso, conforme o próprio Cascaes revelou a Raimundo Caruso em princípios dos anos 1980, serviu de base para desenvolver o seu interesse em manter vivo aspectos que este identificava estarem em rápido processo de desaparecimento, ou seja, a cultura popular dos habitantes de Desterro⁵, mais especificamente as comunidades rurais e pesqueiras.

No ano de 1941, Cascaes torna-se “professor coadjuvante”⁶ de desenho na então Escola de Aprendizes e Artífices – atual IFSC⁷. Um ano após sua efetivação como professor titular de desenho na referida instituição, no ano 1945, iniciou um processo de intensa produção e coleta de vestígios e elementos que se identificam com a memória, usos, costumes e cultura da sociedade formada na Ilha de Santa Catarina e região.

Durante a infância e juventude de Cascaes, Florianópolis passou por um processo de “higienização” da região central da capital (década de 1910), e a construção da ponte Hercílio Luz (década de 1920). A percepção de que estava desaparecendo a Desterro⁸ que Franklin Cascaes vivenciou em sua juventude ficou evidenciada a partir dos anos 1950.

⁵ CASCAES, Franklin. **Vida e arte, e a colonização açoriana**: entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo Caruso. Florianópolis, Ed.UFSC, 1989. p.21-22.

⁶ ARAÚJO, Adalice Maria de. **Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha**: Mito e magia na arte catarinense. Florianópolis, Ed.UFSC, 2008. p.137.

⁷ Inaugurada em 01 de setembro de 1910 com o nome de Escola de Aprendizes e Artífices, mudou seu nome, mediante decreto presidencial em 1940, para Escola Industrial de Florianópolis, sendo em 1941 o início da carreira de professor de Franklin Cascaes. Com a reforma educacional implementada pelo Governo militar em 1970, as escolas industriais passaram a atender pela nomenclatura “Escolas Técnicas”, ficando assim a antiga Escola de Aprendizes e Artífices sendo chamada de Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Em princípios dos anos 2000, outra alteração na nomenclatura, passando agora a se chamar Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET). Por fim, em meados dos anos 2000, visando adequar essas instituições as novas realidades política, educacional e profissional, os “centros” passaram para a categoria de Institutos Federais, assim sendo, atualmente, atende pelo nome de Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

⁸ Franklin Cascaes ao longo de sua vida rejeitava o nome dado a capital do estado logo após o desfecho da Revolução Federalista, ocorrida entre os anos de 1893 e 1894. Posto que “Florianópolis” rememora ao General Floriano Peixoto, presidente do país naqueles anos e responsável por ordenar a execução de vários habitantes da Ilha por oporem-se a sua permanência no poder. Segundo relato de Cascaes dado a Raimundo Caruso no início dos anos 1980 e publicada pela Editora da UFSC (ver bibliografia ao fim deste trabalho), “muitos inocentes morreram em Anhatomirim, inclusive um parente meu (...) prefiro me referir a nossa capital como “Nossa Senhora do Desterro”, “Desterro”, “Capital” ou “Ilha”. ”

Pouco a pouco a capital foi se transformando, a população aumentando, pessoas de outras cidades e estados buscando este local como porto seguro foram chegando, e a infraestrutura não acompanhando na mesma velocidade esse impulso populacional. Começava a fazer parte do cotidiano um intenso processo de urbanização bem como os primeiros passos para a exploração turística da capital.

Antes, porém, é importante para o leitor e leitora compreenderem os caminhos dessa pesquisa. Por isso devemos nos ater a como foi sendo forjada a ideia de uma cultura catarinense, em que determinados setores intelectuais locais ensejavam ligar aos portugueses advindos em meados do século XVIII para a Ilha de Santa Catarina.

“Cultura popular” e a “identidade açoriana”

Os registros coletados a partir da década de 1940 por Franklin Cascaes visavam manter vivos os hábitos e práticas da cultura popular dos habitantes da Ilha de Santa Catarina, cultura essa, que de acordo com Cascaes, estava desaparecendo. Antes, porém, cabe buscarmos compreender de forma teórica o que vem a ser a “cultura popular”. As aspas no termo em questão justificam-se, pois, o conceito de cultura popular além de amplo, não é um conceito hermético, tal conceito possui pontos de vista e caminhos de análise dos mais variados. Mesmo a amplitude que o conceito possui não invalida a sua utilização. De acordo com Martha Abreu, tal conceito, como qualquer um, “constrói identidades, uma história”⁹.

Um dos pontos que leva a uma reflexão mais profunda: precisamos perceber, também, o que está incutido na palavra popular:

Mas, se cultura popular é algo que vem do povo, ninguém sabe muito bem como definir o conceito. No sentido mais comum, pode ser usado, quantitativamente, em termos positivos (...) e negativos (...). (...) Para uns, a cultura popular equivale ao folclore, entendido com o conjunto de tradições culturais de um país ou região; para outros, inversamente, o popular desapareceu na irresistível pressão da cultura de massa (...) e não é mais possível saber o que é original ou essencialmente do povo e dos setores populares¹⁰.

⁹ ABREU, Martha. Cultura Popular: Um conceito e várias histórias. In: _____ (org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. 2.ed. p.84.

¹⁰ ABREU. Idem. p.83

Concordando com a perspectiva apontada por Martha Abreu, alguns caminhos podem ser vistos no que tange a definir cultura popular, seja tendo como algo tangível e presente, ou como algo que se fragmentou de tal maneira que não podemos mais identificar quais elementos são originais e quais apropriações ou “ajustes” ao longo dos tempos daquilo que ficou convencionado ser uma cultura popular. O folclore, por exemplo, se insere nessa difícil conceituação de cultura popular.

Voltando o nosso olhar no Brasil, o folclore, que fora visto como instrumento importante para ajudar a construir uma identidade de lugares, estados e da própria nação brasileira, em meados dos anos 1960 passou a ser fortemente questionado, principalmente por Florestan Fernandes e os intelectuais ligados a Universidade de São Paulo - USP, mudando de certa forma as perspectivas de discussão e estudos sobre a cultura popular nacional, do viés folclorístico para o horizonte das ciências sociais, da antropologia e da própria história. Contudo, cabe ressaltar que os estudos desenvolvidos pelos folcloristas abriram um campo vasto para conhecer “o outro”. Sobre essa perspectiva, novamente Martha Abreu nos fornece o seguinte:

Os folcloristas, também no Brasil, buscaram o “outro”, mas o “outro” dentro do próprio país, antes que, na sua concepção, ele desaparecesse pelos inevitáveis impulsos da urbanização e modernização. Valorizaram os registros obtidos a partir da cultura rural oral de seus informantes, e defenderam a concepção de que inexistiam autores entre as manifestações populares. Ambas perspectivas eram importantes para a construção de seus veredictos sobre a autenticidade do que definiam como cultura popular (posto que reprodutora de tradições de tempos imemoriais). A autenticidade da cultura popular era fundamental para que pudesse legitimar a expressão da verdadeira singularidade nacional¹¹.

Apesar dos trabalhos já iniciados por Cascaes em registrar a cultura da Ilha de Santa Catarina, não há relatos conhecidos que ele tenha sido convidado a participar do Primeiro Congresso Catarinense de História, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e realizado na capital catarinense ao longo do mês de outubro de 1948, que reuniu especialistas na área, em especial, voltados para a ligação entre Brasil e Portugal e a presença portuguesa que ajudou a formar a base da sociedade litorânea catarinense, em especial, de Florianópolis.

¹¹ ABREU. Idem. p.87.

A programação do Primeiro Congresso, divulgado na imprensa local¹², demonstra o caráter e a amplitude do evento, com atividades compostas de solenidades, sessões de comunicações orais, passeios a locais de colonização portuguesa e apresentações culturais também de origem portuguesa compuseram a rede de atividades. As diversas matérias publicadas pelo jornal O Estado nos oferece um ponto de vista a respeito da questão da abordagem do que queria ser apresentado bem como quem foram as pessoas e grupos responsáveis pela organização do Congresso pioneiro. Figuras como Oswaldo Rodrigues Cabral, Henrique Silva Fontes e Valter Piazza estão entre seus representantes, personagens da chamada “elite intelectual” da capital catarinense, ligados ao meio acadêmico e político, preocupados em divulgar ao público em geral uma ideia de cultura catarinense¹³, focada na matriz portuguesa.

Dentro da perspectiva dos duzentos anos da chegada das primeiras famílias portuguesas vindas do arquipélago dos Açores, o Primeiro Congresso teve trabalhos apresentados em áreas diversas como história econômica, história geral, história social e cultural, entre outras¹⁴. As comunicações focadas no tema da cultura açoriana predominaram naqueles dias de Congresso, variaram entre 14 e 21 trabalhos¹⁵, sendo boa parcela destes ligados a temática da genealogia familiar¹⁶.

Se considerarmos que três anos antes do Primeiro Congresso a Segunda Guerra Mundial terminara, e que trouxe aos imigrantes que viviam no Brasil grandes consequências, por conta da política nacionalista de Getúlio Vargas, justificam-se de certo modo os discursos construídos no Congresso catarinense. É sabido que o estado de Santa Catarina possui uma considerável presença de imigrantes, sobremaneira alemães e italianos, e constituíam uma elite política dotada de poder no estado ao longo do período da chamada República Velha, perdendo seu poderio com a ascensão de Getúlio Vargas. No lugar, o poder político catarinense passou para as mãos da família Ramos, oriundos de Lages, e que seguiram a orientação nacionalista de Vargas como instrumento de isolamento político das elites industriais do Vale do Itajaí e Norte do estado, principalmente¹⁷.

¹² Jornal O Estado, 05 de outubro de 1948.

¹³ Jornal O Estado, 13 de outubro de 1948.

¹⁴ LEAL, João. **Cultura e Identidade Açoriana**: o movimento açorianista em Santa Catarina. Florianópolis: Ed.UFSC, 2007.p.39.

¹⁵ LEAL. Idem.

¹⁶ PIAZZA, Walter. **Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Estudo Histórico-Analítico (1896-1996). Florianópolis: UDESC, 1996. p.37-43.

¹⁷ A questão dos efeitos da política de Getúlio Vargas no sul do Brasil pode ser conferida no estudo de René Gertz, **O Fascismo no Sul do Brasil**: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre, Mercado Aberto:

As questões políticas dos anos do período conhecido por Era Vargas influenciaram e mudaram sobremaneira o cenário político, social e cultural. Pôr em evidência a colonização portuguesa no litoral catarinense, principalmente a partir do século XVIII, como a base cultural do estado pareceu conveniente para determinados setores intelectuais presentes naqueles dias de outubro de 1948 em Florianópolis, principalmente, os organizadores. O português e seus traços culturais dispostos em meio a população deveria ser evidenciado, colocando de certa forma em segundo plano todos os elementos das outras culturas de origem europeia presentes no seio da população catarinense, sem contar no “silêncio” a respeito dos legados das culturas indígena e africana, o que de certa forma dava um caráter eurocêntrico ao que se visava a respeito da identidade catarinense, ou seja, centrado na legitimação da matriz cultural portuguesa e, de acordo com Evandro Souza, “desconstruir a ideia de que Santa Catarina era, um “Estado Alemão” e passar a representar o Estado, a nível nacional, como um estado Luso-Brasileiro”¹⁸. O Primeiro Congresso Catarinense de História de certa forma construiu de forma eficiente esse ponto de vista, mas “confinada às elites de Florianópolis”¹⁹.

Apesar dos registros históricos apontarem a chegada de uma grande leva de portugueses oriundos do arquipélago dos Açores que desembarcaram em Nossa Senhora do Desterro entre 1747 e 1756, dando a base da população local, tanto nos hábitos e traços culturais, o que se percebia nos séculos XIX até meados do século XX era algo relegado, onde

De fato, a colonização açoriana do estado de Santa Catarina foi durante muito tempo um evento ao qual se atribuía localmente pouca ou nenhuma importância. Ao nível *folk*, predominava a amnésia. Quando muito, havia uma vaga memória de que, em gerações muito recuadas, “antepassados” teriam vindo “do outro lado do mar”. Mas a ideia de autoctonia era largamente predominante e as pessoas viam-se basicamente como brasileiras, “da terra”²⁰.

Cascaes, como afirmado anteriormente, estava envolvido na coleta de registros, dos mais variados, das pessoas que viviam em nosso litoral, levantando elementos folclóricos dessas gentes. Contudo, o professor Franklin Cascaes não foi convidado para partilhar suas pesquisas com os participantes do Congresso, ficando apenas possivelmente como um espectador curioso e atento aos debates propostos. Entre

1987.

¹⁸ SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes**: Uma cultura em transe. Florianópolis, Insular: 2004. p.41.

¹⁹ LEAL. Op. cit. p.72.

²⁰ LEAL. Op. cit. p.37.

palestras, apresentações artísticas, discursos de autoridades e a mobilização da intelectualidade local, o que Cascaes já tinha em mãos não foi colocado em grau de importância, não seguia o “padrão acadêmico” o modo pelo qual seus estudos eram feitos, onde a metodologia utilizada por Cascaes na pesquisa de campo era questionada. Mesmo sem o reconhecimento de suas pesquisas, Cascaes acompanhou o Congresso “com profundo interesse, pois este problematizava questões diretamente ligadas à elaboração de sua obra”²¹.

Reforço que a cobertura da imprensa local nos oferece essa percepção elitista e política daquele evento. O jornal O Estado noticiou a visita dos organizadores do Congresso à redação do noticiário, onde compartilhamos com o leitor a seguinte passagem:

Uma comissão de congressistas visitou a nossa redação transmitindo-nos os agradecimentos votados em plenário. (...) os quais vieram transmitir-nos os agradecimentos daquele importante certame de cultura, pela colaboração prestada por esta folha à sua realização. (...) Comunicaram-nos aliás, que o Primeiro Congresso de História de Sta.Catarina, numa das suas sessões plenárias, votou esses agradecimentos à imprensa catarinense por motivo da cooperação dada pelos jornais do Estado aos objetivos do conclave. (...) Agradecendo a visita (...) muito nos desvanecem as impressões que eles, particularmente nos deixaram da satisfação com que acompanharam os trabalhos do conclave e do pleno êxito que o mesmo alcançou, o que para nós é bastante lisonjeiro, tratando-se dum Congresso de finalidade cultural, apreciado, assim, por homens de cultura²².

A “política diplomática” dos congressistas e imprensa se mostraram eficientes, posto que o evento foi amplamente divulgado nas páginas do jornal O Estado. Os “homens de cultura” de Santa Catarina poderiam ter acesso aos acontecimentos do Congresso que ocorria em Florianópolis por um viés positivo e elogioso.

A cultura e o folclore do estado de Santa Catarina foram colocados aos conferencistas e espectadores partindo do viés do IHGSC dentro de um propósito de construção de uma identidade catarinense, o Primeiro Congresso ajudou sobremaneira nesse processo.

Vale ressaltar que a questão do folclore não estava isolada, como uma situação exclusiva aos catarinenses. Com o final da Segunda Guerra Mundial, surge a Organização das Nações Unidas (ONU) e um conjunto de organismos vinculados, dentre elas a UNESCO, que é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

²¹ SOUZA. Op. cit. p.43.

²² Jornal O Estado, 13 de outubro de 1948.

Cultura, que passou a fomentar políticas de valorização dos aspectos culturais pelo mundo²³. É dentro dessa conjuntura que o governo brasileiro constitui em fins de 1947 a Comissão Nacional de Folclore. Dentro dessa perspectiva governamental é que surgem focos de discussão sobre o folclore em vários estados e, em Santa Catarina, durante o Primeiro Congresso Catarinense de História, constitui-se a Subcomissão Catarinense de Folclore, liderado por Oswaldo Rodrigues Cabral que, mais tarde, passaria a se chamar Comissão Catarinense de Folclore²⁴.

Com uma conjuntura favorável ao fomento dos estudos culturais e do folclore no país e no exterior, o Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, ocorreu em momento propício e a construção identitária catarinense pelo viés do colonizador português vindo do arquipélago dos Açores também. Em Santa Catarina o IHGSC, antes mesmo da ONU e UNESCO em escala mundial, já envidava esforços em fortalecer uma identidade local, no caso a de origem portuguesa. A Revista do IHGSC, editada em três momentos temporais distintos (1902 a 1920, 1943 a 1944, e de 1979 até a atualidade)²⁵ nos apresenta um cenário interessante, principalmente nos dois primeiros momentos onde:

As páginas da Revista são ocupadas majoritariamente com luso-brasileiros ou com fatos dos quais estes tiveram participação. Pode-se dizer, então, que o discurso da Revista nesta fase estava construindo a identidade catarinense pelo passado de luso-brasileiros ilustres e estabelecidos no litoral. A segunda fase da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina mantém as mesmas preocupações constantes da primeira fase e busca afirmar a identidade catarinense pelo seu passado luso-brasileiro, mas neste momento despontam, mais definitivamente, os açorianos, tirados do esconderijo da história por Oswaldo Rodrigues Cabral²⁶.

Uniu-se a demanda de órgãos como a UNESCO com os interesses das elites intelectuais locais em forjar a cultura catarinense distanciada dos aspectos germânicos, italianos, indígenas e africanos, igualmente presentes em nosso solo, mas desinteressantes para os organizadores do Primeiro Congresso em coloca-las em evidência. O foco era a colonização dos portugueses ao nosso litoral e escrever novas páginas dessa presença em nosso cotidiano.

²³ GONÇALVES, Janice. Defender o patrimônio tradicional: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948-1958. **Patrimônio e Memória**, São Paulo. Unesp, vol. 8, n.2, jul/dez 2012. p.5.

²⁴ GONÇALVES. Idem. p.4-5.

²⁵ SERPA, Élio Cantalício. A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**. V.14, nº 20. Florianópolis. 1996. p.66.

²⁶ SERPA. Idem.

Temos uma abertura em estudar a cultura de matriz portuguesa existente no litoral catarinense, principalmente após o Congresso de 1948. Vale reforçar que Cascaes seguia o seu trabalho de forma independente, coletando informações e registrando da sua forma práticas populares do litoral, em especial, da Ilha de Santa Catarina. Como já citado, a participação de Franklin Cascaes no Primeiro Congresso foi como um interessado pela temática proposta, ligada intimamente ao seu objeto de pesquisa²⁷. O folclore local e os aspectos culturais de Santa Catarina ficaram a cargo de figuras como Oswaldo Rodrigues Cabral, Valter Piazza, entre outros.

A identidade catarinense pautada na origem portuguesa ganhou uma nova dimensão a partir do Primeiro Congresso e seguiu caminho sólido ao longo da década de 1950, onde no seio da Comissão Catarinense de Folclore tínhamos a publicação do Boletim da referida comissão, que dava as linhas mestras para o direcionamento dos debates sobre o folclore. Livros e estudos foram produzidos ao longo daquele período, fortalecendo sobremaneira ao círculo intelectual, uma reafirmação sobre a cultura e o folclore locais de matriz portuguesa, especificamente aqueles elementos tidos provenientes do arquipélago dos Açores.

Em paralelo ao trabalho das elites intelectuais, Franklin Cascaes também mantinha uma intensa produção e coletas nas comunidades do interior da Ilha de Santa Catarina, e, na segunda metade da década de 1950, nas páginas do jornal *A Gazeta*²⁸ publicava artigos sobre diversos aspectos envolvidos no âmbito dos hábitos e práticas dos antigos habitantes da Ilha de Santa Catarina. O reconhecimento de seu trabalho ao longo da mesma década em matérias produzidas pelo jornal *O Estado*²⁹ nos ajudam a perceber um caminho aberto, de certo modo, contribuindo para que a produção de Cascaes pudesse ter alguma visibilidade, chegando a ser considerado “o abnegado do folclore”³⁰, onde o referido jornal “felicitava, mais uma vez, a abnegação do prof. Cascaes pela posição de destaque invulgar que deu a nossa terra e espera que o poder público saiba compreender a sua renúncia, e dê os recursos de que ele tanto necessita”³¹.

²⁷ SOUZA. Op.cit, p.42.

²⁸ Conferir edições do jornal *A Gazeta* entre os anos de 1957 a 1959. O jornal era editado e circulava em Florianópolis, e os artigos do professor Franklin Cascaes vinham com o título “Folclore Catarinense”. O acervo desse jornal encontra-se disponível para pesquisa na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

²⁹ Algumas matérias entre os meses de julho e agosto de 1959 dão destaque a Franklin Cascaes, colocando como figura com certa importância dentro do cenário folclórico catarinense.

³⁰ Jornal *O Estado*. 5 de agosto de 1959.

³¹ Jornal *O Estado*. Idem.

O apoio oficial foi um problema para Cascaes. Enquanto os habitantes do interior da Ilha reconheciam o interesse do professor e a imprensa, como já destacado anteriormente, dava espaço para os artigos ou matérias que destacavam Franklin Cascaes junto aos poderes públicos local e estadual não gozou de tal prestígio, como pode ser observado nessa declaração de Cascaes:

Fiz o trabalho sempre às minhas expensas, nunca ninguém me auxiliou. Mesmo que eu pedisse, ninguém me auxiliaria. Pedir a quem? Ao governo? Não, porque eles não se moviam para isso aí. Nunca compreenderam. E hoje, apenas parte da Universidade; mas da parte do governo, não. Ali só lidei com gente carregada de diplomas, mas, coitados, precisam ganhar dinheiro. Fiquei desanimado, fiquei apavorado em saber que a situação do Estado...ainda é a mesma³².

A falta de investimentos também atingia os organismos governamentais responsáveis pela questão cultural, a vantagem destes era possuir uma estrutura básica para seu funcionamento, ao passo que Cascaes utilizava os vencimentos de professor para prosseguir com seu trabalho.

A partir da década de 1960, estes órgãos oficiais responsáveis pela questão da cultura no estado contavam com especialistas na área, a exemplo de Oswaldo Rodrigues Cabral, além do mais, a inauguração da UFSC, no ano de 1960, deu uma guinada nas estruturas surgidas pós Congresso de 1948. A Comissão Catarinense de Folclore mudou sobremaneira suas dinâmicas de trabalho, posto que além de Cabral, Valter Piazza também se ocupou de outras funções, afastando-se. A Comissão Catarinense de Folclore se reestruturou em fins dos anos 1960, após certa inércia, tomando outros rumos e ampliando o leque de temas a ser estudados.

Outro fato que merece nota é que a vanguarda artística local também se movimentava, dando um contraponto ao academicismo visto no Congresso de 1948. No mesmo ano o circuito de arte moderna chega a terras catarinenses organizada em torno do Grupo Sul³³, onde os aspectos de nosso litoral sobremaneira eram vistos por ótica diversa, principalmente na área das artes plásticas e teatro.

Lá (egressos do Congresso de 1948) como cá (artistas modernistas), Cascaes seguiu caminho paralelo, prosseguindo seu trabalho de coleta e registros da cultura local, com metodologias próprias que o diferenciava do grupo do Primeiro Congresso e do

³² CASCAES. Op. cit. p.23.

³³ SOUZA. Op.cit, p.27.

Grupo Sul, dissociando sobremaneira desses grupos, mantendo uma postura autônoma no método, produção e leitura dos aspectos da cultura popular local. Assim mesmo, as perspectivas de análise e estudo do processo cultural do litoral catarinense, visando “afirmar as suas virtudes”³⁴ auxiliaram Cascaes a seguir o caminho tomado em 1946, fortalecendo suas convicções em manter as pesquisas ao longo dos anos 1950, 1960 e 1970.

1.1 Franklin Cascaes e os rumos de sua obra a partir da década de 1970

Conforme citado, entre os anos 1950 e 1970 o professor Cascaes produziu grande parte do material que compõe o acervo Elisabeth Pavan Cascaes³⁵, em posse, desde 1981, da UFSC. Esse material foi sendo construído com visitas às comunidades do interior da Ilha de Santa Catarina seja de barco ou de automóvel³⁶, onde relatos das gentes dessas localidades eram coletados em visitas que duravam, em média de três dias a uma semana. A população dos distritos, muitos deles de origem portuguesa, mais precisamente das ilhas dos Açores, Faial e Madeira eram a sua base inspiradora. Histórias contadas por pescadores, rendeiras, benzedeiros e pessoas idosas levavam a um constante processo de registros – feitos em inúmeros cadernos, onde o exercício de ouvir, registrar e vivenciar o cotidiano destas pessoas foi importante para Cascaes, eram a sua “matéria prima”.

No final dos anos 1960 e início dos 1970 dois momentos chaves na vida do professor Franklin Cascaes foram: sua aposentadoria em fins do ano de 1970 e a morte da esposa, Elisabeth, em abril de 1971. A produção, as exposições, a coleta de relatos orais, enfim, o trabalho feito por Cascaes, reduziu-se significativamente, os poucos escritos dele apontam para a tristeza, um sentimento depressivo.

Nesse contexto há a aproximação de Gelci José Coelho, conhecido entre os círculos artísticos de vanguarda da capital catarinense por “Peninha”. Tal fato ocorre em 1972 e o contato inicial com a produção em escultura atraiu Peninha, fazendo com que este se interessasse mais sobre a produção do professor aposentado Franklin Cascaes³⁷.

³⁴ SOUZA. Op.cit, p.43.

³⁵ Esposa de Franklin Cascaes, casados entre 1944 até 1971, quando esta faleceu. Em homenagem, Cascaes batizou todo o seu acervo com o nome de sua esposa.

³⁶ BATISTELA, Kellyn. **Franklin Cascaes: Alegorias da modernidade na Florianópolis das décadas de 1960 e 1970**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. p.19.

³⁷ COELHO, Gelci José. **Entrevista**. Palhoça: Residência do entrevistado, 02 out. 2014. Entrevista concedida à Alan Cristhian Michelmann, para análise de dados em trabalho de conclusão de curso.

A partir deste momento ocorreram visitas mais recorrentes de Peninha a casa de Cascaes e a descoberta do primeiro sobre a amplitude da obra do segundo. A parceria entre ambos estava formada: Novos rumos se desenhariam nas carreiras do professor aposentado Franklin Cascaes e do artista e trabalhador da UFSC Peninha³⁸.

A parceria Peninha/Cascaes parece ter se solidificado rapidamente, auxiliando um e outro mutuamente. No caso de Peninha podemos perceber esse impacto nesse relato:

Quando fui para a universidade - *UFSC (grifo nosso)*, pensava em aprender algo sobre arte, no curso de História; a História da Arte me atraiu. Mas sentia mesmo era a necessidade de conhecer aquilo que fala sobre o lugar onde vivo, sua história, arte e cultura. Se não conheço as coisas dessa terra, o que há de valer? Dessa maneira, percebi em Franklin Cascaes a universidade que eu buscava aprender e, assim, conseguir contribuir também um pouco para o bem da cultura, da educação, na terra que me acolhe. Dela me ufano³⁹.

Tocado pela arte produzida por Cascaes, Peninha abriu algumas portas para o artista e professor aposentado. Dentro da UFSC foi importante para a montagem de representações artísticas ao ar livre, em especial, presépios em tamanho natural utilizando de elementos coletados na flora da Ilha de Santa Catarina e montados defronte ao Museu Antropológico (atual Museu Universitário), gerando polêmicas internas, mas atraindo vários visitantes para o interior da universidade⁴⁰. A repercussão das montagens de presépios dentro da UFSC, bem como outras exposições das quais Cascaes fez parte, fizeram a ponte para ligá-lo ao que podemos chamar de “vanguarda cultural” da capital e onde Peninha circulava.

É nesse ponto que Franklin Cascaes sofre a influência positiva de Peninha, posto que este colocou o velho professor em contato com pessoas e grupos que buscavam movimentar o cenário cultural e artístico na cidade, entre essas pessoas, o jornalista Beto Stodieck era figura de destaque.

A cidade de Florianópolis passa a contar com um espaço para a divulgação das artes produzidas em Santa Catarina quando, por iniciativa de Beto Stodieck, foi inaugurado em 1973 o Stúdio A/2. Conforme apontado acima, Peninha fazia parte dos meios artísticos da capital catarinense e a mediação dele para aproximar Franklin Cascaes tornou possível uma ligação do professor aos movimentos artísticos do estado. Sobre isso Peninha relata:

³⁸ COELHO. Idem.

³⁹ COELHO. In ARAÚJO. p.12.

⁴⁰ COELHO. Idem.

Por conta daquela história do presépio e a minha insistência em falar para as pessoas, eu tenho admiração por todos os artistas da Ilha, mas “gente esse ‘cara’ tem a alma, registrou a alma de nossa gente”, e no Studio A/2 tinha dois caras superinteligentes, o Beto Stodieck e o Luiz Paulo Peixoto. Luiz Paulo Peixoto era um “marchand”, foi um dos caras que ajudou Cascaes a montar presépios na Catedral, ele era coroinha inclusive. E quando eu falo do encantamento que eu sentia pelo Cascaes, o Studio A/2 que era um estúdio comercial, resolve fazer uma exposição especial de um mês inteiro só com a obra de Franklin Cascaes, que não era comercial, era uma exposição cultural, e o Cascaes não era uma pessoa admirada pela elite. Nada disso. Mas quem ditava as regras do que era bom e interessante conhecer era o Studio A/2, era o Beto Stodieck⁴¹.

Por essa intermediação que em 1974 Cascaes e outros artistas fazem uma exposição na Assembleia Legislativa de Santa Catarina⁴² e, no ano seguinte ocorre a primeira exposição individual de Cascaes no Studio A/2. A aproximação de Peninha, percebe-se, ajudou a ressignificar e ampliar o alcance da obra produzida por Franklin Cascaes até ali. Várias exposições, viagens de estudos passam a fazer parte de sua rotina até seu falecimento, em março de 1983.

Os artistas que frequentavam o ambiente do Studio A/2, de acordo com Peninha tiveram sua atenção atraída pelas esculturas e os desenhos a nanquim e a bico de pena que retratavam os aspectos da religiosidade⁴³. O elemento mitológico da obra, em um primeiro momento não causou tanto impacto se comparado aos desenhos e as esculturas, contudo, pouco a pouco foram essas representações mitológicas que passaram a adjetivar a produção de Franklin Cascaes e torná-lo uma figura de destaque no cenário artístico local nos anos 1970. Peninha vê que esta exposição feita por Cascaes no Studio A/2 foi fundamental para ser reconhecido pela elite da cidade:

Pois quando Beto Stodieck e eles do Studio A/2 diziam que uma coisa não era muito interessante era um perigo, pois eles tinham um senso crítico muito apurado, pois eram pessoas que viajavam muito, tinham contatos internacionais e tal, e o Cascaes era uma coisa sublime por se tratar de um registro de nossa identidade cultural. Então quando ele é colocado no Studio A/2 em uma exposição não comercial, espantando a todos, pois não era comercial mas cultural, o que era uma novidade dentro da ebulição que era o Studio A/2, a elite reconhece a obra desse professor, folclorista como a obra de um artista⁴⁴.

⁴¹ COELHO. Op. cit.

⁴² PORTO, Bea; LAGO, Fernanda. (Orgs). **É tudo mentira: a história segundo Beto Stodieck**. Florianópolis. Verde Água Produções Culturais. 1999. p.160.

⁴³ COELHO. Op. cit.

⁴⁴ COELHO. Op. cit.

Conforme destacamos acima, da aproximação de Peninha e a exposição no A/2 em diante, Cascaes retomou seu processo de trabalho, circulando de forma constante nos circuitos artísticos do estado e expondo individualmente em algumas cidades catarinenses. No meio cultural Cascaes começou a ter sua obra reconhecida e constantemente exposta para o público em geral. Ao mesmo tempo, há a preocupação de preservar essa obra produzida e, por intermédio de Peninha iniciam-se as tratativas junto a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – para a acomodação de todo o acervo de Franklin Cascaes. Outro personagem importante para mediar a transferência do acervo de Cascaes para a UFSC foi Nereu do Vale Pereira, que havia sido aluno de Cascaes no ano de 1942. A admiração pelo professor Cascaes por se dedicar a história da Ilha de Santa Catarina, mais precisamente no tocante aos hábitos e costumes culturais populares de matriz portuguesa, atraiu o interesse do ali então professor Nereu do Vale Pereira. Mesmo vinculado ao departamento do curso de Economia da UFSC, Pereira se interessava pela “identidade açoriana” e a mediação junto a Peninha tornou-se viável. No ano de 1974, por intermédio de um convênio entre a Prefeitura de Florianópolis e a UFSC, Cascaes passou a atuar no Museu Universitário e seu acervo transferido para lá⁴⁵, recebendo oficialmente o nome de “Acervo Elizabeth Pavan Cascaes” no ano de 1981⁴⁶, onde se encontra até os dias atuais.

Na percepção de Cascaes, por outro lado, duas figuras foram essenciais para a guarda do acervo junto a UFSC. Silvio Coelho dos Santos, à época, locado no Museu Universitário, e o ex-prefeito da capital catarinense, Nilton Severo da Costa. No relato dado a Raimundo Caruso, em 1981, disse o seguinte:

Mas, eu sempre estive quieto, até há bem pouco tempo, até que o Silvio me levou daqui. O Silvio Coelho dos Santos, do Museu da Universidade Federal. [...]Nesse meio tempo o Silvio apareceu aí. [...] Coitado. Trabalhou. Aquele homem trabalhou, para ver se conseguia me trazer para o museu da UFSC. Que nada. Ninguém dava importância. Quando foi um dia desses, tocaram à campainha, eu fui atender e era o meu ex-aluno Nilton Severo da Costa, que foi prefeito. Ele conseguiu fazer um convênio entre a Prefeitura e a Universidade. Mais tarde o Esperidião Amin renovou o convênio, e foi através dele que eu pude ir à Europa, fazer os estudos em Açores⁴⁷.

⁴⁵ ARAÚJO. Op.cit. p.137-138.

⁴⁶ ESPADA, Heloísa. **Na cauda do boitatá**: estudo do processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis. Letras Contemporâneas, 1996. p.9.

⁴⁷ CASCAES. Op. cit. p.27.

Nesse caso, percebe-se que a ampliação das relações pessoais de Cascaes por intermédio de Peninha, ajudou sobremaneira na visibilidade de sua obra, ampliando o alcance da mesma. As aulas dadas na Escola Industrial de Florianópolis também foram relevantes. A mediação do professor Nereu do Vale Pereira, dentro da UFSC, como do prefeito de Florianópolis, Nilton Severo da Costa, dois ex-alunos de Cascaes, foi importante para que o Poder Público, de certa forma, reconhecesse a importância da produção artística de Franklin Cascaes para a coletividade.

É importante aqui neste ponto dois caminhos paralelos que se cruzam: o segmento artístico e a elite intelectual, respectivamente, nas figuras de Peninha e Nereu do Vale Pereira. Dois segmentos que outrora davam pouca ou nenhuma repercussão à obra de Cascaes até ali, com a década de 1970 as perspectivas passavam a mudar e as forças, sem planejamento prévio, se uniram dentro do espaço acadêmico, no caso, a UFSC. A aproximação junto ao poder público fora feita e Cascaes conseguiu gozar de algum apoio político e institucional.

Peninha pode ser considerado um personagem essencial na amarração dos fios soltos que deixavam Cascaes à deriva: teve contato com o professor aposentado e, vendo o potencial de tudo que ele produziu até ali, aproximando-o da nova geração de artistas e incentivadores da arte e cultura na capital catarinense. Dentro da UFSC, onde era concluinte do curso de História⁴⁸, Peninha foi a figura central para que outras pessoas viessem a se interessar e intermediar a presença de Cascaes e sua obra dentro do círculo intelectual da academia. Devemos relativizar: Nem todos os artistas, nem parte da academia e menos ainda o poder público, eram de todo sensíveis a importância daqueles relatos, desenhos, montagens, esculturas para a população local.

O próprio Peninha deixou isso explícito em relato concedido em outubro de 2014, quando deu o exemplo da montagem, em 1973, de um presépio com elementos da natureza da Ilha diante do Museu Universitário e a reação interna de alguns setores na UFSC:

As pessoas da universidade protestaram muito. Teve gente que achava aquilo tudo um absurdo [...], tanto que em reuniões gente dizendo que aquilo era absurdo e que não deveriam ter permitido uma coisa dessas dentro do campus, muito menos diante do museu, e eu gritava afirmando que aquilo era um sucesso. [...] Poderia ser aquela coisa amorfa, quieta, mas não foi. Foi uma coisa efervescente, legal demais. Depois disso acabou virando tradição, por longos anos se fez aquilo diante do museu, mas o Cascaes queria muito

⁴⁸ COELHO. Op. cit.

agradecer o povo da Ilha pelo muito que ele aprendeu, os mestres, os professores, os grandes orientadores de Cascaes foi o povo da Ilha⁴⁹.

Pelo que se pode apreender dos relatos do próprio Cascaes em várias oportunidades, os governantes não se mostravam muito simpáticos à ideia de “financiar” os estudos de um professor da Escola Industrial de Florianópolis sobre as populações do interior da capital catarinense.

Os presépios montados na Praça XV de Novembro, Centro da cidade, eram feitos às expensas de Cascaes, o poder público basicamente dava a autorização para que as instalações fossem feitas. As relações de Cascaes com o poder público geralmente eram desanimadoras para ele, conforme afirmando no parágrafo anterior, isso se explicita nessa declaração dele a Raimundo Caruso:

O artista é sempre pobre. Ou, como dizem em certas repartições: malandros. Uma cambada de malandros que vive sentada nos bancos das repartições esperando verba. Que nunca recebe. [...] Quando eu às vezes precisava fazer uma montagem ou uma exposição, eu tinha que pedir ao governo, não dinheiro, mas um local onde eu pudesse montar o meu trabalho, que eles pudessem levantar um estrado para colocar as peças em cima e até isso era muito difícil de conseguir, depois eu desisti. Não dava mais. Eu achei que aquelas salas de espera são purgatórios infernais. [...] A política é uma madame manhosa, uma bruxa⁵⁰.

Desde então – a partir de 1972, onde Peninha se aproxima - temos um intenso processo criativo de Cascaes: contos, esboços, esculturas, instalações, exposições, viagens para outros estados brasileiros; com isso surgiu o reconhecimento de sua obra como referência da cultura do litoral catarinense. Isso é elevado a um patamar maior com a publicação da tese de doutorado de Adalice Maria de Araújo, no ano de 1977, *Mito e magia na arte catarinense*, onde um dos capítulos é sobre a obra de Franklin Cascaes e este é alçado à categoria de mito vivo e, anos mais tarde, Florianópolis é apontada pela primeira vez como a “Ilha da Magia”⁵¹.

⁴⁹ COELHO. Op. cit. É importante expor que os pontos de vista de Peninha devem ser relativizados. Por vezes as estruturas acadêmicas têm seus caminhos administrativos, burocráticos e, principalmente, os de ordem política, um tanto complexos. Dentro da UFSC naqueles anos da década de 1970 não fugiam dessa lógica.

⁵⁰ CASCAES. Op. cit. p.29.

⁵¹ No relato concedido em outubro de 2014 para a composição deste trabalho, Peninha foi enfático em afirmar que a alcunha “Ilha da Magia” foi criação, em meados da década de 1980, da empresa de publicidade AS Propague, sediada em Florianópolis, com vistas em tornar a capital catarinense um “produto” atrativo. Que aguçasse a curiosidade dos prováveis visitantes do estado de Santa Catarina.

Um ponto que Chartier nos apresenta é sobre a questão do “popular”, que não pode ser analisado de forma compartimentada, isolada de outros elementos que compõem a sociedade, ela [o popular] é algo mais amplo, onde “tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados”⁵². Assim sendo, tanto a cultura quanto o popular são pontos amplos de diversas interpretações e, em nosso caso, nos valeremos da noção de cultura popular pela ótica de Roger Chartier, que aponta para suas apropriações e usos diversos.

Além da questão cultura popular, temos presente em nosso estudo a questão da cultura de matriz lusitana apresentada no Congresso de 1948 e sendo o foco de produções ao longo das décadas de 1950 e 1960. De uma suposta “germanização” da cultura catarinense até fins dos anos 1920, passando pela campanha nacionalista de Vargas entre os anos 1930 e, principalmente, a partir de 1940, chegamos em 1948, com o pós-guerra, em Santa Catarina uma busca por uma identidade do povo catarinense. Oswaldo Rodrigues Cabral, Walter Piazza, entre outros, identificaram como sendo de origem luso-azoriana a base da formação cultural e social de Santa Catarina, em especial, da capital catarinense.

A partir da segunda metade da década de 1970 temos alguns momentos em que Franklin Cascaes recebe notoriedade dentro do circuito acadêmico e cultural e que são dignos de nota: a citada dissertação que a professora Adalice Maria de Araújo apresentou na UFPR, no ano de 1977. No ano seguinte, esse trabalho foi apresentado na I Bienal Latino-Americana, ocorrido na cidade de São Paulo e a parte que tratava de Franklin Cascaes, tornada em livro. No ano de 2008 a obra foi relançada pela Editora da UFSC. Foi um dos primeiros estudos sobre o processo criativo de Cascaes e é referência nos estudos sobre o tema.

O segundo momento ocorreu no ano de 1979, onde, por intermédio de Peninha - após um intenso processo de seleção das histórias e de negociação com a UFSC⁵³ - é publicado *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, que reuniu 14 histórias e alguns dos desenhos feitos por Cascaes, onde a linguagem do texto chamou atenção, fugindo da linguagem formal e trazendo aos leitores o modo peculiar dos antigos habitantes da capital

⁵² CHARTIER, Roger. “**Cultura Popular**”: revisitando um conceito historiográfico. In: Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol.8, n.16, 1995. p.185.

⁵³ COELHO. Op. cit.

catarinense se comunicar. Atualmente tal obra encontra-se em sua quinta edição, lançada em 2012 e ampliada para 24 histórias⁵⁴, sendo referência na literatura catarinense.

Com os anos 1980 temos a recepção por parte da UFSC de toda a produção artística de Franklin Cascaes, posto ser da vontade deste de manter em Florianópolis tudo o que produziu, para que as gerações posteriores tivessem contato com a cultura memorial que estava desaparecendo de nossa região. Baseado em uma série de entrevistas concedidas por Franklin Cascaes ao jornalista Raimundo Caruso, em 1981 é publicada pela Editora da UFSC a obra *Franklin Cascaes: Vida e Arte e a Colonização Açoriana*, onde temos um panorama geral sobre a história, seu processo criativo, a saudade de outros tempos e sobre o futuro da Ilha de Santa Catarina. A referida obra ganhou uma segunda edição e é uma leitura básica para conhecer melhor o professor, artista e folclorista Franklin Joaquim Cascaes.

Em 15 de março do ano de 1983 falece Franklin Cascaes. No mesmo dia toma posse e inicia o mandato de Esperidião Amin como governador de Santa Catarina, sendo eleito no ano anterior. O homem que “criou”, por meio da coleta de relatos de moradores do litoral catarinense, em especial, de Florianópolis, e juntou os pontos da cultura popular da Ilha de Santa Catarina morre, mas seu legado em forma de histórias, relatos orais coletados, matérias em jornais, exposições das mais variadas, esculturas e montagens ficaram.

Estratégias para este legado ser utilizado, mantendo vivo o “bruxo da Ilha” onde diversos setores estariam articulados, entre eles, o do turismo, o qual viria ser um dos trunfos da gestão de Esperidião Amin que durante o seu período de mandato, buscou incrementar o viés turístico por intermédio de aspectos da cultura catarinense, mais precisamente, a construção de uma identidade multicultural. Com o legado deixado por Cascaes, Florianópolis teria um aspecto cultural que o identificasse e servisse aos interesses mercadológicos do turismo. Estas questões serão problematizadas no capítulo a seguir.

⁵⁴ Esta obra aparece regularmente nas listas de obras dos vestibulares da UFSC e UDESC, servindo de base para questões nas provas de Literatura, Língua Portuguesa, Geografia e História.

CAPÍTULO 2: A OBRA DE FRANKLIN CASCAES E O TURISMO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM?

A partir dos anos 1950 tivemos, conforme discutido no capítulo anterior, uma intensificação dos debates e estudos focados em uma identidade cultural de origem portuguesa. Franklin Cascaes entrecruza esse pensamento percebido no seio do Congresso de 1948, criando e recriando um vasto material sobre as práticas, usos, costumes e hábitos das populações menos abastadas do litoral catarinense. Ambos movimentos de percepção da cultura no litoral, percorreram caminhos paralelos até fins dos anos 1970 e princípios dos 1980.

Mas não apenas a cultura estava no cenário. O poder público e grupos empresariais buscavam ampliar as oportunidades de negócios voltados para a questão turística⁵⁵. Construir caminhos e estratégias para tornar esse processo viável era uma preocupação. Encontrar formas para tornar a paisagem do estado atrativo para fins turísticos passou a ser idealizado, principalmente, ao decorrer dos anos 1970 e, principalmente, na década de 1980.

Pouco a pouco, em paralelo a esses acontecimentos, os agentes públicos do estado e, em especial, de Florianópolis, movimentavam-se no sentido de tornar atrativa a capital catarinense e alterar o seu perfil pacato e bucólico. Mesmo não prevista inicialmente nos documentos oficiais que tratavam sobre o desenvolvimento de Florianópolis, como o primeiro Plano Diretor do município, em 1952, o turismo se mostrou uma saída interessante⁵⁶, tanto para movimentar a cidade quanto para unir isso aos interesses econômicos de setores específicos locais.

Antes, porém, Florianópolis era uma capital com pouca influência econômica no cenário nacional, voltado para a pesca, principalmente. O porto de Florianópolis, com a

⁵⁵ Neste capítulo utilizamos como fonte principal o relato pessoal de Antônio Pereira Oliveira, publicado por este e presente nas referências deste trabalho. Pereira Oliveira foi um dos fundadores da ILHATUR, agência de viagens que iniciou suas atividades em fins dos anos 1960. Como parte ativa no que tange ao desenvolvimento do turismo em Florianópolis, participou direta ou indiretamente do planejamento ou de ações públicas com essa finalidade. Foi também um dos fundadores da Associação Brasileira dos Agentes de Viagem – ABAV, seção Santa Catarina, na década de 1970, tendo a presidido em algumas oportunidades. Mesmo com a devida relativização, seu testemunho é um dos mais amplos estudos sobre a questão turística de Florianópolis no século XX, servindo como fonte para este capítulo. Ver a página virtual da ABAV-SC <<http://www.abavsc.com.br/portal/empresa/index.php>>. Acesso em julho de 2015.

⁵⁶ HACHMANN, Juliana. **Cultura popular e modernidade**: a Comissão Catarinense de Folclore e as articulações com o turismo em Florianópolis (1948-1980). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Graduação em História. 2011. p.70.

inauguração da Ponte Hercílio Luz, em 1926, foi gradativamente perdendo seu potencial, ficando relegado a um entreposto pesqueiro até 1975, quando da inauguração da Ponte Colombo Machado Salles e o aterro que acompanhou sua obra⁵⁷, sepultando em definitivo o antigo porto.

Se por um lado a primeira ligação terrestre entre a Ilha de Santa Catarina e o continente facilitou o trânsito de pessoas de um lado para o outro, o fim do porto causou impacto econômico para o setor pesqueiro e trabalhadores daquele local. Por outro lado, o fim do porto de Florianópolis, a construção de rodovias e o aterramento que deu origem à Beira-mar Norte e Baía Sul já indicavam que o “progresso” mostrava sua face. Franklin Cascaes, a seu termo, percebia a mudança de rota pela qual pouco a pouco Desterro estava tomando, seu processo de coletas de registros e a “denúncia” em seus textos e desenhos do “desaparecimento” da cultura local nos dão uma perspectiva sobre isso⁵⁸.

Vale ressaltar que essa denúncia não foi por meio dos canais oficiais, mas sim dentro de sua produção artística. A figura do boitatá construída por Cascaes, por exemplo, foi uma alegoria encontrada pelo artista para criticar o rumo pelo qual a capital catarinense estava se encaminhando. Uma intensa produção textual e de desenhos com essa temática crítica ao desenvolvimento da região são bem evidenciados⁵⁹.

Os comportamentos e hábitos eram diferentes dos observados atualmente. O que hoje é explorado de forma banalizada e sem muito planejamento no que tange a oferta e a demanda, nos anos 1930. O hábito de ir às praias e passar temporadas nelas é algo observável de forma mais constante em nosso litoral a partir dos anos 1960 e, de forma mais intensa, a partir dos anos 1970. Logo, uma ilha cercada de várias praias não queria dizer, exatamente, um horizonte para a chegada de visitantes naqueles tempos idos dos anos 1930 até meados dos 1960, apesar de chegadas esporádicas de alguns navios de turismo a partir dos anos 1950, mas sem muito planejamento antecipado por parte dos órgãos públicos⁶⁰.

⁵⁷ OLIVEIRA, Antônio Pereira. **História do Turismo em Florianópolis**: Narrada por quem a vivenciou (1950-2010). Florianópolis: PalavraCom Editora. 2011. p.146.

⁵⁸ CASCAES. Op.cit, p.22.

⁵⁹ ESPADA. Op. cit. p.41.

⁶⁰ OLIVEIRA. Op. cit. p.136-152.

2.1. Pensando o turismo em Florianópolis: décadas de 1950-1980

Era necessário ampliar o desenvolvimento e modernização da cidade como um todo, não apenas na região central, mas oferecendo ao setor empresarial novas possibilidades. A Prefeitura Municipal de Florianópolis, na gestão de Paulo Fontes, aprovou em 1952 seu primeiro Plano Diretor, ou seja, pela primeira vez se colocou no papel um planejamento amplo sobre como organizar a cidade em seus diversos setores da sociedade. Apesar de alguns discursos de políticos locais⁶¹, aquele Plano Diretor não deu maior atenção a questão turística, apesar de na prática a realidade fora outra, conforme nos apresenta Juliana Hachmann:

O desenvolvimentismo em Florianópolis encontrou um caminho específico para se concretizar. Embora o primeiro Plano Diretor da cidade, forjado em 1952, indicasse a industrialização e o incremento do comércio portuário como a forma ideal para o desenvolvimento e urbanização da região, estas diretrizes não foram seguidas pelos governos locais. Ao invés da indústria, a classe política passou a investir em ações que incentivassem uma atividade que vinha começando a ganhar relevância econômica no país: o turismo. Durante a década de 1950, estes agentes locais criaram discursos e ações que pretendiam transformar Florianópolis em um importante destino turístico. Assim, nesta época, estes setores da sociedade local fizeram esta “opção” pelo turismo como a principal via de acesso da cidade à modernidade e ao progresso, em detrimento do modelo da modernização feita através da industrialização⁶².

De fato. A “indústria” pela qual parte do setor político e empresarial local se atraíram mais era para o turismo. Antes mesmo do Plano Diretor de 1952, algumas leis nesse sentido foram criadas na capital e no estado. Durante a gestão do Prefeito Francisco Tolentino noticiou-se na imprensa local a criação de um Departamento de Turismo⁶³, tal iniciativa acabou não saindo do papel ou do campo das ideias.

Havia uma distância considerável entre a teoria e a prática no tocante a questão turística. As ações, por mais que houvessem um certo consenso entre os sujeitos interessados, esbarravam na questão da iniciativa e fomento da mesma. O poder público ensejava, por meio de benefícios fiscais⁶⁴, que a iniciativa privada acelerasse o processo de desenvolvimento turístico, ao passo que este último, agia com extrema cautela.

Considerando isto, podemos compreender melhor o processo lento, até meados dos anos 1950, de desenvolvimento do turismo e exploração da natureza da Ilha de Santa

⁶¹ OLIVEIRA. Op. cit, p.23-24.

⁶² HACHMANN. Op. cit. p.70.

⁶³ OLIVEIRA. Op. cit.

⁶⁴ OLIVEIRA. Idem.

Catarina. O primeiro aparelho voltado para a exploração turística fora da região central de Florianópolis foi um hotel erguido no norte da Ilha, em Canasvieiras, no ano de 1931⁶⁵, mas acessá-lo, trinta anos após sua inauguração, ainda era uma grande aventura, conforme relato que se segue:

O jornalista Paulo da Costa Ramos descreveu, com muita propriedade, as condições em que se encontravam, na década de 60, as estradas, para o interior da Ilha de Santa Catarina. Segundo ele, a rota do centro até Canasvieiras era lamentável. (...) A estrada de então sempre bordava a “fimbria do morro”, de sorte que seu trajeto tinha dois Sacos Grandes: o primeiro chama-se hoje João Paulo, e o segundo abriga entre outras entidades a Cidade das Abelhas. Ao final desse roteiro, surgia diante do motorista o Morro de Santo Antônio, uma verdadeira serra. “Ali sempre chovia”. A segunda parte, talvez pior do que a primeira, só não tinha o morro. De acordo com o jornalista, a certa altura a estradinha embrenhava-se Vargem Pequena adentro, com suas dezenas de curvas, ultrapassava-se a fazenda do “seu” Celso, o armazém do Chico Camarão, a freguesia, a dois quilômetros do mar, para enfim entrar na reta final do hotel de Canasvieiras⁶⁶.

Essa descrição geográfica do caminho para o norte da Ilha nos anos 1960 oferece ao leitor e leitora uma boa ideia das dificuldades para os turistas acessarem por terra as praias daquela região. Aos habitantes nativos da Ilha as dificuldades eram as mesmas e Franklin Cascaes também experimentou em suas idas e vindas pesquisando a cultura popular local os percalços desses caminhos terrestres, principalmente a partir dos anos 1960, quando trocou o barco pelo automóvel para “agilizar” seus estudos⁶⁷.

Esse desenvolvimento, onde o turismo está inserido, certamente foi percebido por Cascaes e influenciou considerável parte de sua obra, em especial, a iconográfica. Reinaldo Lindolfo Lohn, nos oferece um ponto de vista sobre isso:

O artista efetuou uma estetização do noticiário local ou mesmo internacional, demonstrando ainda uma abordagem das questões que envolviam o desenvolvimento de Florianópolis e suas disputas internas de um modo bastante diferenciado daquele que costumeiramente é evocado nas memórias e relatos da vida urbana florianopolitana dos anos 50 e 60. Sem apresentar uma cidade de boêmios sonhadores, frequentadores de bares e clubes, como se tudo girasse em torno de algumas poucas quadras do centro da cidade, Cascaes mostra como os discursos acerca do desenvolvimento e do futuro atingiam uma parcela bem maior da população da Ilha de Santa Catarina, alcançando seus recantos mais afastados, sempre sob o signo da ameaça e do medo das transformações caóticas que o futuro capitalista prometia para a vida das pessoas simples do interior⁶⁸.

⁶⁵ OLIVEIRA. Op. cit. p.287.

⁶⁶ OLIVEIRA. Idem. p.186-187.

⁶⁷ CASCAES. Op. cit. p.26.

⁶⁸ LOHN. Op. cit. p.161-162.

Pode parecer óbvio, mas todas as transformações urbanas, que desembocariam em projetos de exploração dos bens naturais por intermédio do turismo e, conseqüentemente, da especulação imobiliária *a posteriori*, iam muito além de apenas impactar na vida das elites locais. O principal atingido por essas severas mudanças que Florianópolis passaria a partir dos anos 1950 eram os cidadãos e cidadãs comuns, as comunidades do entorno da região central e do interior da Ilha. E a exploração da Ilha de Santa Catarina pelo turismo e, conseqüentemente, pela especulação imobiliária, alterou, não ela apenas, o curso de hábitos, práticas e costumes. O pescador, a rendeira, o lavrador, o artesão, passariam a disputar espaço com pessoas que viriam a escolher este local para passar as férias, bem como local definitivo de moradia, modificando sobremaneira o cotidiano da capital catarinense.

A respeito da rápida transformação da paisagem urbana de Florianópolis no período em que Cascaes desenvolveu suas pesquisas, o próprio relatou a Raimundo Caruso:

Quando eu comecei a trabalhar com a cultura açoriana, em 1946, já estavam começando a desmontar a nossa cidade de Nossa Senhora do Desterro, começaram a derrubar diversos prédios antigos em toda a cidade. E depois construíram essas favelas de rico, os prédios de apartamentos. Mas a cidade era muito bonitinha, muito bonita. E eu fui encontrar nas ilhas dos Açores parece que a cópia desta, só que as de lá ainda se conservam⁶⁹.

As “favelas de rico” citadas por Cascaes provavelmente eram os prédios de apartamentos ao longo do trajeto onde hoje se encontra a Avenida Beira-mar Norte, iniciada lentamente em meados dos anos 1960 e concluída em meados dos anos 1970⁷⁰. Franklin Cascaes viveu por vários anos nas proximidades da Avenida Mauro Ramos, que é via próxima para acessar a Avenida Beira-mar Norte e certamente acompanhou essa parte do desenvolvimento urbanístico e, também, do desaparecimento de traços arquitetônicos da capital.

O governo de Santa Catarina, no ano de 1967, cria o primeiro órgão voltado para a questão do turismo, batizado de Grupo Executivo para o Desenvolvimento do Turismo em Santa Catarina, o GETUR. Esse grupo constava do Plano de Metas do Governo

⁶⁹ CASCAES. Op. cit.

⁷⁰ OLIVEIRA. Op. cit. p.187.

(PLAMEG) da gestão de Ivo Silveira, que tinha intuito de colocar o estado na rota desenvolvimentista que o país passava desde os anos 1950. O GETUR composto por membros de várias Secretarias de estado e de setores da iniciativa privada⁷¹, pensaria e daria o direcionamento para ações visando modernizar a exploração do turismo no estado. No ano de 1969, o GETUR ganhou status autárquico, passando a se chamar Departamento Autônomo de Turismo (DEATUR), que contaria com o apoio do também recém-criado Conselho Estadual de Turismo.

Em termos burocráticos, a capital e o governo do Estado passavam a contar com órgãos voltados para a questão turística e, ao menos na teoria, a iniciativa privada teria uma base institucional pública para auxiliar as ações com o enfoque na promoção e exploração turística no estado e na capital catarinense.

Ao longo da década de 1970, em especial em Florianópolis, um crescente processo de promoção do turismo e grande movimentação dentro das esferas governamentais nesse sentido. Apesar da exploração marítima para fins turísticos não ter saído dos projetos para a prática, a construção e inauguração de rodovias, como as BR's 282 e 101 facilitaram sobremaneira a chegada de visitantes. O grande gargalo para acessar a Ilha de Santa Catarina era o fato de possuir apenas uma ligação por via terrestre, no caso, a Ponte Hercílio Luz, que já operava acima da capacidade máxima projetada quando de sua inauguração. As polêmicas em torno da reforma da referida ponte e a construção de uma nova ligação “Ilha-Continente” eram muito presentes⁷².

Vale ressaltar que a exploração do turismo em Florianópolis visava, em grande parte, o visitante vindo de fora do estado de Santa Catarina, com perspectiva de atrair, também, turistas estrangeiros. Dotar a capital do estado de uma estrutura rodoviária que permitisse e facilitasse o acesso a esse público em especial se fez necessário dentro das escolhas feitas sobre como explorar o turismo na região. A opção por estruturar Florianópolis com uma rede hoteleira, estradas, bem como incentivar a especulação imobiliária impunha tais medidas.

⁷¹ OLIVEIRA. Idem. p.271.

⁷² Cf. edições do jornal O Estado entre os anos 1970 até 1974. Denúncias constantes sobre as más condições da Ponte Hercílio Luz, bem como os constantes engarrafamentos, que diariamente alcançavam a região da Praça XV de Novembro e atravessando todo o traçado da Rua Felipe Schimit, à época aberta para o trânsito de veículos. Já na gestão do governador Colombo Machado Salles, dentro da perspectiva do Governo Federal à época do chamado “milagre econômico” gestou-se o projeto da segunda ligação da Ilha de Santa Catarina com o continente. Em meio a muitas polêmicas e denúncias de desvios de recursos para sua obra, a Ponte Colombo Machado Sales é inaugurada no ano de 1975, juntamente com os aterros que ampliavam as áreas das baías Norte e Sul.

O que se pode perceber é a proposição de ações por parte do poder público e da iniciativa privada após fatos evidenciarem as deficiências estruturais urbanas e de oferta de aparelhos turísticos. Os moradores da capital catarinense e os visitantes, que em grande maioria chegavam durante a temporada de verão, sofriam com a ausência de planejamento que visasse ações que evitassem maiores problemas. Desejavam-se os turistas e sua permanência (empresários e poder público), mas não davam as devidas condições para que tal fato se concretizasse. Os diagnósticos que indicavam problemas de planejamento eram conhecidos, mas a velocidade na tomada de ações não seguia o mesmo ritmo. A distância entre querer, poder e fazer mostravam-se evidenciadas.

Na capital catarinense, as praias eram utilizadas como meio de sobrevivência. Dali tirava-se o produto principal para o sustento de várias famílias. O consumo e venda de pescados, somado a produção de farinha e de cachaça fora do centro urbano, ou seja, no interior da Ilha, davam a base de nossa economia. Por outro lado, a ideia de ampliar a quantidade de hotéis na capital colocava em risco essa base econômica e de sustento dessas comunidades.

Um exemplo da ameaça foi um projeto encaminhado no ano de 1953 pelo então prefeito Paulo Fontes. De acordo com o projeto encaminhado à Câmara Municipal, previa-se construção de um hotel no alto do morro da Lagoa da Conceição, localidade voltada para a pesca, por meio da modalidade de concessão a iniciativa privada. Como não apareceram interessados para tal empreitada, na região apenas pontos de observação foram erguidos e que atualmente estão em pleno funcionamento⁷³. A iniciativa do prefeito Paulo Fontes demonstrou um viés desenvolvimentista em detrimento da preservação da economia familiar local e da cultura da subsistência, o “progresso” começava a mostrar sua face aos poucos.

Ideias e projetos de construções de aparelhos hoteleiros em outros pontos da cidade foram apresentados ao longo dos anos 1950 e 1960, alguns com grande repercussão na imprensa local e nacional, como, em 1956, o caso de outro hotel idealizado para ser erguido na Lagoa da Conceição, que se chamaria Dunas Hotel, onde seu empreendedor rapidamente arregimentou uma quantidade considerável de acionistas. Apenas os pilares foram erguidos e o empreendedor, o empresário Luíz Fiúza Lima, desapareceu da mesma forma que surgiu, fato este também de grande repercussão na imprensa da época⁷⁴.

⁷³ OLIVEIRA. Op. cit. p.289.

⁷⁴ OLIVEIRA. Idem. p.290-291

Outro exemplo de projetos hoteleiros fracassados ocorreu no ano de 1965. Empresários europeus ensejaram erguer um resort na região da Ponta da Galheta, próximo da Barra da Lagoa. A Prefeitura da capital daria, como contrapartida, a construção de uma via de acesso para aquela localidade, posto que a estrada da Lagoa para a Barra da Lagoa era de difícil acesso. A imprensa local e setores empresariais viram positivamente a ideia, ao passo que os moradores da região rechaçaram a proposição fortemente. O prefeito Acácio Santiago, desconfortável com a situação, valeu-se do tempo para resolver a questão. A empresa europeia desistiu do empreendimento e apenas a via de acesso fora construída⁷⁵.

Os exemplos acima citados dos malfadados esforços em promover a ampliação da rede hoteleira visando atrair mais turistas para a capital catarinense ajudam a ampliar um pouco mais a percepção de como, em muitos casos, a distância entre a ideia e a prática se demonstravam. A Ilha de Santa Catarina não dispunha de uma estrutura mínima de locais para recepção de navios de passageiros, vias terrestres incipientes e uma rede hoteleira que não dava conta da pouca demanda de visitantes que visavam se hospedar na cidade, em especial, no verão. A criação do GETUR, em 1967, por parte do Governo do Estado de Santa Catarina e a preocupação dos setores privados que se interessavam pela questão turística, por outro lado, nos dão uma ideia de que buscava-se pensar de forma menos amadorística a questão do turismo no estado, em especial, em Florianópolis.

Mas outros projetos lograram êxito, principalmente ao longo das décadas de 1970 e 1980, não focados exatamente em atrair o turista ocasional, mas de dotar espaços para atrair pessoas de forma permanente. Entramos nesse período um franco processo de expansão do turismo e de especulação imobiliária que, em vários casos, como consequência, trouxe melhora na estrutura viária da capital. No ano de 1975, na Praia da Daniela a Imobiliária Lunar ergueu o Balneário Daniela que, além das áreas residenciais, possuía toda a estrutura de lazer e áreas comerciais. O empreendimento logrou êxito e atualmente a região tornou-se um bairro residencial, ajudando no desenvolvimento da região norte da Ilha⁷⁶.

Anos mais tarde, em 1983, o condomínio de alto padrão Jurerê Internacional foi planejado e construído na região da Praia do Forte e tinha a proposta de ser um condomínio modelo, com vias planejadas e toda a estrutura marítima e de lazer, com residências planejadas para um público com alto poder aquisitivo. Inicialmente o projeto

⁷⁵ OLIVEIRA. Op. cit. p.294.

⁷⁶ OLIVEIRA. Idem. p.312.

foi idealizado pelo ex-governador Aderbal Ramos da Silva, no ano de 1957, por meio da empresa Jurerê Empreendimentos, contudo o projeto não seguiu adiante e a área foi vendida para o Grupo Habitasul, nos anos 1970. É nessa conjuntura que a Praia do Forte ficou relegada a faixa de areia próxima da fortaleza de São José da Ponta Grossa e a grande parte da extensão da orla tem seu nome alterado para Jurerê. Foi um dos empreendimentos imobiliários bem-sucedidos na capital catarinense⁷⁷.

Em termos institucionais, o governo do Estado buscava formas para organizar e estruturar o turismo. O DEATUR, em maio de 1975 passa por uma reformulação tendo seu nome alterado para TURESC (Empresa de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina), e vinculada à Secretaria da Indústria e Comércio⁷⁸, porém dois meses depois a TURESC passa a se chamar Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina (CITUR)⁷⁹. É dentro da organização da CITUR que a questão do turismo passa a ganhar uma nova dinâmica e planos voltados para o setor. Apenas no ano de 1987, durante a gestão do governador Pedro Ivo Figueiredo de Campos, que a política turística passa a ter autonomia orçamentária, desvinculando-se da pasta da Indústria e Comércio e tornando-se a Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR), com status de autarquia. Desde então a SANTUR desenvolve estratégias e políticas para o setor no estado, dentro da esfera pública.

Trabalhar dentro de uma perspectiva instável e com planejamento incipiente era o cenário para a questão de estrutura, promoção e desenvolvimento do turismo em Santa Catarina, em especial, em Florianópolis. Ao mesmo tempo, a paisagem urbana da capital passava por constantes mudanças, fato este que Franklin Cascaes, em suas andanças pelas comunidades no interior da Ilha de Santa Catarina, já percebia desde os anos 1940.

Os exemplos mencionados nos parágrafos anteriores demonstram de certa forma a intensa movimentação visando alterar a paisagem e o ritmo da cidade. Desde os anos 1950 buscava-se pensar em formas de colocar a capital catarinense no circuito turístico nacional. Apesar dos esforços envidados entre 1950 e 1960, a presença de turistas na cidade ficava aquém do tamanho do trabalho proposto para trazê-los. A rede hoteleira, naqueles tempos, mesmo com incentivos fiscais das esferas federal e municipal, não conseguia acompanhar a demanda de visitantes. O que chama mais a atenção é que a presença de turistas durante o verão em Florianópolis alcançava números insignificantes,

⁷⁷ OLIVEIRA. Op. cit. p.311-312.

⁷⁸ OLIVEIRA. Idem. p.279.

⁷⁹ OLIVEIRA. Idem. p.280.

mas assim mesmo a imprensa positivava tais números, mencionando a capital catarinense como entrando definitivamente no roteiro de viagem de várias pessoas e trazendo aos promotores de turismo na cidade um falso otimismo.

Ao longo dos anos 1970 Florianópolis visivelmente sentia o peso do crescimento populacional. Dois fatos merecem ser destacados para o incremento populacional e, de certa forma, uma mudança no comportamento da cidade: em 1960 é inaugurada a UFSC, entre os bairros Trindade, Pantanal e Carvoeira, e, entre os bairros Santa Mônica e Itacorubi surge a UDESC no ano de 1965, ajudando a tornar Florianópolis um polo estudantil atraindo pessoas de vários pontos de Santa Catarina e de outros estados do país. Além disso, a estatal Eletrosul é transferida para a capital catarinense em meados dos anos 1970, sendo instalada no bairro Pantanal. Além de todo o corpo funcional, as famílias destes trabalhadores chegaram a Florianópolis.

Relativamente próximos, UDESC, UFSC e Eletrosul acabaram por forçar mudanças radicais na paisagem urbana dos bairros Itacorubi, Trindade, Pantanal, bem como na região dos morros que compõem o chamado maciço do Morro da Cruz, em especial, a Caeira do Saco dos Limões e a Serrinha, além do Morro da Carvoeira.

É em meio as mudanças intensas que Florianópolis passava na década de 1970 em sua paisagem urbana, como os exemplos dados anteriormente das obras do aterro das baías norte e sul, a avenida Beira-Mar Norte e a ponte Colombo Machado Sales, os caminhos em que os interesses desenvolvimentistas da capital e a movimentação cultural presente naquele momento da década de 1970 começam a se entrecruzar. A maneira singular de interpretar e recriar as manifestações das populações das comunidades da Ilha de Santa Catarina alçou sua obra a status de sinônimo da cultura da capital.

Um exemplo desse reconhecimento e grau de importância da obra de Cascaes é o estudo da pesquisadora Adalice Maria de Araújo, defendida no ano de 1977 na Universidade Federal do Paraná – UFPR, *Mito e magia na arte catarinense*, que discorreu sobre o processo criativo de Franklin Cascaes, considerando-o um “mito catarinense”⁸⁰. Para o meio acadêmico o trabalho de Adalice solidificou a carreira e a obra de Franklin Cascaes, foi um estudo pioneiro onde as diversas faces criativas do artista catarinense (esculturas, esboços, desenhos, contos, etc.) foram analisadas e problematizadas. Se Peninha de certa forma restringiu a obra de Cascaes dentro do aspecto fantástico, Adalice

⁸⁰ ARAÚJO. Op. cit. p.26.

ampliou a área de abrangência de seu processo criativo, tanto é que este estudo é obra essencial para compreender o processo criativo de Franklin Cascaes.

Os desenhos, esculturas, presépios produzidos por Cascaes passaram a chamar a atenção de uma forma não imaginável, por exemplo, nos anos 1950. A falta de rigor científico a qual sua obra e métodos de pesquisa eram considerados outrora⁸¹, deu lugar ao decorrer da década de 1970 a ser gradualmente percebido como ícone de uma cultura local. Vale ressaltar que não era apenas Cascaes quem colheu bons frutos. Outros artistas, como Hassis, e o cenário musical e teatral no campus da UFSC seguiam rastro semelhante. O poder público gradativamente se valia dos elementos culturais locais, assim como parte do cenário cultural da época também seguia o caminho de valer-se das benesses do poder público, numa tácita relação de interesses, onde o setor do turismo também visava se articular de forma mais eficiente entre poder público e a questão cultural.

Em Florianópolis, pessoas envolvidas com a questão turística, como empresários do setor hoteleiro e de agências de viagens, juntamente com o poder público, pareciam estar caminhando na mesma estrada, ainda que em ritmos diferentes. Com a CITUR, a partir de 1975, a questão turística dentro do poder público parecia dar sinais de novos rumos, contudo, pelo menos até os primeiros anos da década de 1980, segundo Antônio Pereira Oliveira, “não houve mudança significativa nas ações de governo no que diz respeito ao turismo”⁸².

2.2 Florianópolis na década de 1980: a cultura à “serviço” do turismo

Não temos evidências que nos indiquem que nos primeiros anos da década de 1980 as ações voltadas para o turismo levassem em conta a questão cultural como elemento para “vender” o estado como atrativo. As temporadas de verão entre 1978 a 1981 foram de intensa presença de turistas, com destaque para estrangeiros vindos da Argentina e Uruguai, contudo, o foco da exploração de Florianópolis consistia nas praias basicamente. Apesar das intenções dos entes públicos demonstrarem preocupação em

⁸¹ SOUZA. Op. cit. p.42.

⁸² OLIVEIRA. Op. cit. p.280.

ampliar a oferta de opções para os turistas, efetivamente as temporadas se seguiam e pouca coisa mudava entre uma e outra temporada.

Já a partir de 1983, com Esperidião Amin no governo do estado observa-se uma preocupação em termos de planejamento, de promover o estado de Santa Catarina dentro de uma lógica de torná-la uma região propícia para o turismo em todo o seu território e a qualquer parte do ano, onde se buscou estudar as potencialidades das diversas regiões do estado. O elemento cultural destas regiões começou a ser colocado como ponto importante para um interessante processo para atrair e manter o visitante no estado. Óbvio que não apenas a cultura poderia ter esse papel, os elementos naturais existentes no estado e uma estrutura que ajudasse a manter esse visitante por mais tempo por aqui eram outros pontos de destaque. Seguindo uma linha de estratégia,

Inicialmente, este desenvolvimento turístico obedeceu em grande medida ao modelo dos três “SSS” (*sun, sea and sand* – sol, mar e praia) baseado no *marketing* baseado nas potencialidades naturais do estado de Santa Catarina. Entretanto, sobretudo a partir dos anos 1980, dá-se uma passagem gradual para um discurso que, além das belezas naturais, privilegia também as virtudes turísticas da cultura⁸³.

A sistematização de elementos da cultura que pudessem servir de base para o planejamento do setor de turismo no estado passou a ser feita. Se em 1948 os organizadores e participantes do I Congresso Catarinense de História ensejavam desconstruir a ideia de que Santa Catarina era um “estado alemão” e visavam resgatar os elementos da cultura de base portuguesa, os anos 1980 trouxeram alguns fatos novos: por um lado, os pesquisadores da cultura de base portuguesa buscavam identificar os focos dessa raiz cultural pelo litoral catarinense, prova disso é a fundação do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA), em 1986, vinculado a UFSC; por outro, o planejamento do governo do estado dentro de uma perspectiva de uma identidade cultural catarinense multifacetada dando base para uma estratégia turística que ficou conhecido como turismo quatro estações⁸⁴.

Essas várias faces culturais do estado de Santa Catarina visionadas no interior da gestão governamental, seguia uma lógica de identificar e irradiar determinadas identidades nas várias regiões do estado: os italianos no Sul; alemães nas regiões Norte e

⁸³ LEAL. Op. cit. p.128

⁸⁴ LEAL. Op. cit.

Vale do Itajaí; “sertanejos do Contestado”⁸⁵ no Planalto Serrano e Oeste; açorianos ao longo do litoral. Identificando-se os traços culturais mais evidentes, outras etnias ou representações culturais no território catarinense, como austríacos, ucranianos, japoneses, gregos, entre outros, bem como a matriz africana e indígena, foram colocados à margem nos discursos de formação cultural da população catarinense. A ideia de fomentar outras rotas turísticas fora às praias e buscando mostrar um estado possível de fazer turismo a qualquer momento do ano pareceu ser um dos objetivos da proposta turística da gestão Amin.

O circuito de festas que surgiu nesse período (vide Oktoberfest, em Blumenau; Fenarreco, em Brusque; Marejada, em Itajaí), mais a elevação da figura do sertanejo da região do Contestado aponta para isso.

Era necessário um “signo” que representasse aquilo que identificasse a região da grande Florianópolis, e toda a produção de Franklin Cascaes – que faleceu no mesmo dia em que Esperidião Amin tomava posse como governador do estado - pareceu ser o ideal para apresentar de forma propagandística a capital do estado e sua região. Os hábitos e costumes dos pescadores, o artesanato, o modo de falar dos nativos da Ilha, o circuito mitológico e todas as histórias registradas e construídas ao longo de décadas de pesquisa de Cascaes davam um tempero especial para a construção cultural da capital catarinense e, conseqüentemente, absorver alguns elementos para gerar um marketing apropriado para atrair visitantes a “capital dos catarinenses”.

Devemos esclarecer, pelo que se pode apreender nas fontes pesquisadas para este trabalho, não houve especificamente uma estratégia em ter uma política oficial de usar a obra de Franklin Cascaes para divulgar Florianópolis turisticamente. Além das matérias de jornais e estudos variados sobre turismo na capital, o relato oral de Peninha nos permitiu ter essa percepção de que a cultura abordada por Cascaes e as estratégias de promoção turística no estado, em especial Florianópolis, se encontraram em alguns momentos no processo.

⁸⁵ No Seminário 100 Anos da Guerra do Contestado, realizado entre os dias 06 a 08 de agosto de 2012 e organizado pelo Ministério Público de Santa Catarina, o discurso de encerramento foi proferido pelo ex-governador Esperidião Amin, que administrou o estado entre 1983-1987 e forjou o plano de exploração turístico-cultural do estado naquela época. Segundo palavras dele neste discurso, foi em sua gestão que se passou a dar uma atenção maior a história de Santa Catarina, em especial, dos “sertanejos do Contestado”, termo este repetido por ele algumas vezes ao longo de sua fala. Cf. Helou Filho, Esperidião Amin. Contestado, memória e identidade regional. In: WEHLING, Arno ... [et.al] (orgs.). **Cem anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. Florianópolis: MPSC, 2013. p.445-448.

As esferas de poder passaram a “falar a mesma língua” e o legado de Franklin Cascaes se tornou um trunfo para a divulgação e promoção de Florianópolis. No ano de 1987 a Prefeitura Municipal da Capital cria a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes - FCFFC, conforme consta na apresentação da entidade, em sua página virtual:

A Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC) foi criada pela Lei nº 2647/87, de 29 de julho de 1987, na gestão do então prefeito Edison Andrino de Oliveira. Surgiu com o objetivo de fomentar uma ação cultural forte, autônoma e articulada com os setores turísticos, proporcionando maior autonomia às políticas públicas para a área da cultura em Florianópolis⁸⁶.

Nota-se que a FCFFC visa articular cultura e turismo, em ações entre os poderes público e privado. A entidade pública para a cultura recebeu o nome de Franklin Cascaes, naqueles idos da década de 1980 reconhecido como um dos sinônimos daquilo que o município visava mostrar para a coletividade: uma tradição cultural de origem portuguesa. A identidade visual da fundação demonstra essa intenção: a tradicional figura do boi de mamão. A promoção cultural com intenções que visassem o incremento turístico passaria a fazer parte da estratégia para a divulgação da capital. A FCFFC e a SETUR (Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte), no âmbito do poder público, de forma conjunta, buscariam promover ações no setor.

Em 1988, partindo da ideia de solidificar a capital catarinense com um roteiro de viagem para os demais estados brasileiros e países vizinhos, a divulgação em escala nacional foi importante. Em agosto do mesmo ano, na cidade de São Paulo, ocorre o XVI Congresso da Associação Brasileira dos Agentes de Viagens – ABAV e Santa Catarina participa do evento, com estandes de divulgação do estado, além dos estandes de divulgação de Blumenau e de Florianópolis⁸⁷. A capital catarinense participa pela primeira vez e o estande montado chamou atenção, utilizando como inspiração elementos da obra de Franklin Cascaes.

Idealizado por Peninha e montado pelo artista plástico Jone de Araújo, o estande se deslocou da ideia tradicional dos estandes de divulgação de eventos desse gênero. Peninha nos ofereceu o seguinte relato a respeito da ideia e montagem do espaço para divulgação de Florianópolis no avento da ABAV:

⁸⁶ FCFFC. 2014.

⁸⁷ Jornal O Estado. 24 de agosto de 1988.

Eu acho que a pessoa que cuidava disso era o Luiz Barbosa, que por muito tempo cuidou daquele centro da UFSC, o Centro de Cultura e Eventos. Bom, nessa época o único nome que me vem à mente é o dele como diretor de turismo da Ilha ou coisa assim, da Prefeitura e a cidade já havia participado de outros eventos das agências de viagem e foi ele quem me convidou (...). Eu disse que não, que esses estandes são todos iguais (risos), eu protestei na hora, disse que era igual: Uma moça bonita bem maquiada, com uns pôsteres com fotografias mostrando alguns lugares e uma moça bonita sorrindo mostrando as fotos, é isso que é um estande. Tinha acontecido a peça “Cascaes” e tinha uma cena das bruxas e do diabo e a fantasia era extraordinária, feita por Jone Cezar de Araújo. Então condicionei a ele que faria só se me dessem liberdade para fazer o que eu estava querendo e me permitiram fazer como eu quisesse. Então eu peguei aniagem e pinteí símbolos exotéricos sobre essa aniagem e, ao invés de colocar foto bonita, eu iria forrar todo o estande com esses sacos de aniagem – meus Deus ninguém usa sacos de aniagem para nada, imagine, era a coisa mais fuleira que tinha – e barba de velho, muita barba de velho pendurada. Cascaes gostava muito de usar barba de velho, barba de pau, às vezes era preciso tirar das árvores pois ela pode “afogar” a árvore, logo era preciso fazer uma limpeza, então ele aproveitava e utilizava muita barba de velho. Eu não queria as recepcionistas, eu queria pelo menos dois atores, uma vestida de bruxa e outro vestido de diabo (risos), o diabo era louco, porque na roupa ele tinha o falo sobressalente, chamava a atenção assim, e as bruxas eram tetudas, fora as roupas que não eram modernas, era tudo teatro⁸⁸.

O que chama a atenção no relato de Peninha é que a Prefeitura de Florianópolis parecia não ter uma ideia clara e atrativa para divulgar a capital para o setor turístico nacional, e o contato dele com Luiz Barbosa abriu o caminho para que o elemento fantástico, presente na obra de Franklin Cascaes, fosse utilizado. Peninha conseguiu autonomia para a concepção do estande e contou com o apoio do poder público e de aproximadamente vinte empresas dos setores hoteleiro e de bares e restaurantes⁸⁹. O jornalista Mauro Pires, em breve artigo, intitulado “*Ilha da Magia*” informa que

Florianópolis “vendeu” a sua imagem com o “Turismo Quatro Estações” enfocando a cidade como a “Ilha da Magia”. E durante os dias da Feira foi apresentada uma “cena bruxológica”, baseada na obra do artista Franklin Cascaes, com artistas (ou recepcionistas?) caracterizados de diabos e bruxas servindo uma especialíssima sangria em caneco de barro, como sendo uma “poção mágica”. Foi um sucesso. Valeu⁹⁰.

Esse estande apropriou-se do imaginário popular luso-açoriano coletado por Franklin Cascaes, onde duas atrizes trajadas de bruxas e um ator trajado de Lúcifer faziam performances e serviam bebidas aos visitantes⁹¹, buscando dar um ar de encanto por uma poção mágica que levariam os curiosos visitantes a divulgar e viajar para o nosso estado.

⁸⁸ COELHO. Op.cit.

⁸⁹ Jornal O Estado, 24 de agosto de 1988.

⁹⁰ Jornal O Estado. Idem.

⁹¹ A bebida em questão era uma combinação de ervas chamada “Consertada”. De acordo com Gelci José

O imaginário das histórias fantásticas da cultura popular, construído por Franklin Cascaes durante o tempo em que se dedicou a isto, as belezas naturais e o interesse mercadológico em “vender” Florianópolis como produto atrativo ao turismo, se tornaram a matéria-prima para um produto final que carecia de maiores aportes de divulgação, até porque a junção promoção turística e cultura local é algo comumente combinado para a divulgação de diversas cidades. Florianópolis, valendo-se da cultura local, dos elementos de seu folclore, ligou isso as belezas naturais.

O uso do legado de Franklin Cascaes não ficou restrito a políticas oficiais do poder público estadual e da capital catarinense. No início da década de 1990 a Rede Manchete produziu um conjunto de minisséries com base em autores regionais com foco em elementos fantásticos e mitológicos e então a obra de Franklin Cascaes foi adaptada pela primeira vez para a televisão: a minissérie *Ilha das Bruxas* foi exibida em 23 episódios no ano de 1991 e mostrou o ilhéu não como um “matuto”, como a imprensa catarinense das décadas de 1920 e 1930 estereotipava o nativo de Florianópolis, mas como uma pessoa comum, que vivia de forma simples e tirando o sustento da terra e do mar, onde a aura fantástica estava por todos os lados da Ilha. Este ponto será tratado em particular no terceiro capítulo.

A obra de Franklin Cascaes deixou para as gerações posteriores um legado de uma Florianópolis que hoje praticamente desapareceu. A modernidade foi ocupando cada espaço onde o tradicional, o simples, o artesanal estava encrustado no cotidiano e os hábitos, práticas, usos e costumes, bem como as histórias antigas passadas de geração para geração formaram a matéria prima para todo o processo de produção o qual se dedicou por mais de três décadas. Desenhos, esculturas, maquetes, esboços, ensaios, cadernos e gravações. Tudo isso faz parte do legado material deixado pelo professor Franklin Cascaes e atualmente se encontra no Museu Universitário da UFSC.

Desde sua morte, em 15 de março de 1983, até os dias atuais, uma série de usos e apropriações de sua vasta obra foram feitas, principalmente no que tange aos aspectos envolvendo o elemento fantástico – as bruxas, boitatás, etc. – como peças teatrais, exposições, propagandas turísticas e, como observaremos no capítulo seguinte, pela televisão.

Coelho em entrevista concedida a mim em outubro de 2014, ela foi servida a Princesa Isabel quando a família imperial visitou a região de Santo Amaro do Cubatão (atual Santo Amaro da Imperatriz), Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito (atual Enseada de Brito) e Desterro (atual Florianópolis) na segunda metade do século XIX, posto as queixas de dores intestinais da mesma. Como o objetivo dessa bebida era de consertar o mal intestinal, a bebida ganhou este nome.

O crescimento da importância do turismo em Florianópolis ao longo da década de 1980 pode ser observado, por exemplo, dentro do quadro de hospedagens, de acordo com Lins, “no período de verão, de 890 mil em 1980/1981 para mais de 3 milhões em 1989/90, com expressiva presença de visitantes estrangeiros”⁹². Isso demonstra uma visibilidade maior da Capital em relação ao turismo, alterando rapidamente inclusive o perfil do morador fixo da Ilha. O turista é um propagador de informações para outras pessoas para visitar o local, bem como tornar a possibilidade de fazer o lugar de descanso de veraneio, o seu local de moradia⁹³. Nesse sentido temos também a especulação imobiliária, inicialmente focada na região central da cidade, principalmente a partir da metade da década de 1970, com a inauguração da Avenida Beira Mar Norte e a construção de edifícios, espalhando-se rapidamente para o interior da ilha, por intermédio de casas de veraneio, pousadas, etc., conforme Lins, “a complementação do circuito rodoviário na porção Nordeste da Ilha, integrando-a aos balneários da Costa Norte”⁹⁴.

O estande de Florianópolis no XVI Congresso da ABAV em São Paulo reforçou essa a apropriação da cultura açoriana no litoral catarinense, mais especificamente a ligação das belezas naturais da Ilha de Santa Catarina com elementos mágicos e “exóticos” da cultura local levantados por décadas de registros por intermédio de Franklin Cascaes.

Nesse caminho aberto de forma muito bem-sucedida, o turismo em Santa Catarina passou a apresentar crescentes números de visitantes. O litoral do estado atraía turistas de vários estados brasileiros, bem como de países vizinhos, e a capital colhia bons frutos da junção cultura/natureza/turismo. As temporadas de verão ofereciam boas perspectivas, mesmo dentro de um cenário econômico problemático no país. Com a articulação da Prefeitura de Florianópolis e de setores empresariais ligados à exploração turística, a mídia televisiva demonstrou interesse em “vender” em rede nacional a apropriação de elementos culturais pelo turismo. A Manchete “comprou” o produto para suas intenções mercadológicas e de conquista de audiência.

Uma via de mão dupla que serviu a interesses empresariais variados (jornais, revistas, televisão, entidades turísticas, o poder público, agentes de viagem, hotéis, bares, restaurantes, etc.) que valeram-se de décadas de pesquisas de um professor interessado

⁹² LINS, Hoyedo Nunes. **Herança açoriana e turismo na Ilha de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, vol.10, n.14, 1993. p.89.

⁹³ LINS. Op. cit. p.105.

⁹⁴ LINS. Idem. p.90.

nos saberes e conhecimentos diversos dos moradores nativos da Ilha de Santa Catarina, para apresentar para fora o que este “pedacinho de terra perdido no mar”⁹⁵ tem para quem o visitar, ou seja, não se valorizou de fato o morador local, mas sim, valorizou-se as divisas que poderiam chegar com a presença de turistas.

Os quatro dias em que transcorreram o XVI Congresso da ABAV em São Paulo – de 23 a 27 de agosto - foram dentro de uma perspectiva pouco animadora para o setor de turismo. Falamos do ano de 1988, às vésperas da promulgação da nova Constituição Federal (atualmente ainda vigente), com índices alarmantes de inflação e economia externa dependente e um governo federal sob a batuta de José Sarney, em situação cada vez mais claudicante. O horizonte do país naqueles dias aparece no tema do evento da ABAV, que era “Crise, Economia e Sobrevivência”. Trabalhar com o turismo interno era um grande desafio naquele momento e os agentes de viagens estavam em um clima de preocupação. Por outro lado, encaminhar formas para dinamizar o setor traziam certa animação, posto que mais de 6 mil pessoas passaram pelo local do evento⁹⁶.

O que pôde se apreender das matérias que foram encontradas nos jornais Folha de São Paulo e O Estado da época⁹⁷ foi a expectativa sobre os rumos a serem tomados pelo setor de turismo no país e a exigência por ações mais efetivas por parte do poder público em âmbito federal para promover o turismo interno.

Como equacionar isso? Era ao que o Congresso da ABAV buscava encontrar uma resposta, posto que o país passava por uma grave crise econômica, com índices de inflação altos, causando estagnação na economia nacional. Florianópolis valeu-se de uma série de fatores, entre eles, o valor do dólar favorável, o que atraía uma grande quantidade de turistas advindos dos países vizinhos, principalmente, argentinos e uruguaios. Magia para alguns, para muitos, estratégias de profissionalização do setor turístico no estado e em Florianópolis que passavam a dar resultados.

A década de 1980 foi de organização dos setores público e privado no tocante a exploração turística ligando esta às questões culturais. A estrutura pública, por intermédio da SANTUR, em âmbito estadual, o SETUR e a criação da Fundação Franklin Cascaes

⁹⁵ Trecho de “Rancho de Amor à Ilha”, de autoria de Claudio Alvim Barbosa (Zininho), tornando-se, em 1965, o hino oficial de Florianópolis.

⁹⁶ Jornal FSP, 24 de agosto de 1988.

⁹⁷ Foram pesquisadas as edições dos jornais Folha de São Paulo e O Estado no período de 10 de agosto de 1988 a 10 de setembro de 1988. No caso do primeiro diário as informações relacionadas ao Congresso da ABAV foram, em quase sua totalidade, encontradas no caderno de Turismo, que circulava uma vez por semana. O que pode ser observado no jornal catarinense O Estado, a repercussão aparece de forma dispersa, seja no caderno de economia ou em pequenas notas publicadas por alguns de seus colunistas.

na esfera municipal; já o setor privado, dando ênfase a capital catarinense, com o Sindicato de Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares, a ABAV-SC e a criação da Fundação Pró-Turismo (PROTUR), formariam uma rede que daria um caráter mais profissional e mais organizado para visualizar políticas e ações voltadas para tornar o turismo cada vez mais atrativo.

No caso específico da PROTUR, ela foi criada em julho de 1989 pelos empresários Fernando Marcondes de Matos e Alaor Tissot e idealizaram algumas ações para a divulgação da cidade nacionalmente e para mobilizar a capital, por meio de outras ações turísticas articuladas⁹⁸, por exemplo, com a Câmara dos Dirigentes Lojistas de Florianópolis – CDL Florianópolis, redes de televisão, como a RBS e Manchete e com a prefeitura municipal. Contudo, anos mais tarde, de acordo com Antônio Pereira Oliveira, a PROTUR “desapareceu do cenário turístico, talvez porque não tinha suas metas fundamentadas em um projeto oficial de turismo”⁹⁹.

No parágrafo anterior citamos a parceria da PROTUR com algumas redes de televisão no tocante a divulgação turística de Florianópolis. Veremos a seguir um caso em especial, quando, em 1991, vai ao ar, em rede nacional, a primeira produção em que o cenário principal era a cidade de Florianópolis. O enredo? Baseado na obra de Franklin Cascaes.

⁹⁸ OLIVEIRA. Op. cit. p.282.

⁹⁹ OLIVEIRA. Idem.

CAPÍTULO 3: FRANKLIN CASCAES: INSPIRAÇÃO PARA A TELEVISÃO

3.1 A televisão nacional na década de 1980: Globo e Manchete

A televisão possui alcance em quase a totalidade do território brasileiro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 98% das residências brasileiras possuem ao menos 1 aparelho de TV. A emissora de maior abrangência do país tem seu sinal de retransmissão atingindo 99% do território nacional.

Os produtos advindos das emissoras de televisão e captados por aparelhos nas residências brasileiras obviamente atinge as mais diversas camadas sociais. A dramaturgia faz parte da programação de emissoras de televisão desde a década de 1950, e, ao longo das décadas conquistou o gosto do espectador. Desde então, novelas, séries e minisséries fazem parte do horário nobre, no caso, no período noturno, espaço este detentor dos maiores índices de audiência entre os telespectadores, apesar dos métodos de medição de audiência até meados da década de 1980 serem questionáveis¹⁰⁰.

A Rede Globo conquistou um público cativo para seus produtos tele dramáticos e, por intermédio destas histórias ficcionais, a audiência tornou-se a maior do país até os dias atuais.

Nos anos 1980 a Rede Globo passou a investir nas séries e minisséries. Inicialmente as obras literárias foram o alvo. A obra de Guimarães Rosa *Grande Sertão Veredas* e a de Érico Veríssimo *O Tempo e o Vento* foram responsáveis por bons retornos de público e crítica. Até os dias atuais a emissora da família Marinho investe nas adaptações de obras literárias em suas séries e minisséries.

É nos anos 1980 também que a Família Bloch passou a investir no segmento de televisão - posto que detivesse nos meios impressos um veículo importante, no caso a Editora Bloch, que entre outras publicações, editava a *Revista Manchete* (circulou no país de 1952 até 2000) – inaugurando em 05 de junho de 1983 a Rede Manchete de Televisão¹⁰¹.

O referido canal tinha em sua proposta uma plataforma moderna para os parâmetros da época, principalmente no que tange aos componentes técnicos de

¹⁰⁰ LOBO, Narciso Júlio Freire. A busca por uma teledramaturgia nacional. **XXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**. Manaus. 2000. p.13.

¹⁰¹ FRANCFORT, Elmo. **Rede Manchete**: aconteceu, virou história. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. p.17.

transmissão, tanto que o *slogan* da rede era “a televisão do ano 2000”¹⁰². A teledramaturgia foi uma das apostas e novelas e minisséries passaram a fazer parte do horário nobre do canal, atingindo razoáveis índices de audiência. A novela *Pantanal*, dirigida por Jayme Monjardim, superou no primeiro lugar em audiência na região metropolitana de São Paulo a novela *O Dono do Mundo*, exibida pela Rede Globo. A primeira minissérie produzida pela Manchete ocorreu em 1984 intitulada *A Marquesa de Santos*, estrelado por Paulo Gracindo e Maitê Proença, atingindo bons índices de audiência¹⁰³. Era o pontapé inicial da emissora no segmento de teledramaturgia.

Dar visibilidade a um Brasil que não era muito explorado devidamente pela Globo foi o *insight* percebido pela Manchete. As longas sequências de paisagens de outras regiões do país, como as do pantanal mato-grossense, do interior de Minas Gerais ou de pontos da região sul do país em meio aos enredos das telenovelas e minisséries. A apropriação de um “outro Brasil” foi bem recepcionada pelo telespectador garantindo bons índices de audiência para a rede de televisão da família Bloch.

Outro fator atraiu uma parcela do público: a exposição e exploração da sensualidade, principalmente, do corpo feminino. Em abril de 1986 foi ao ar a novela *Dona Beija*. Exibida pela Manchete, notabilizou-se por cenas em que a sensualidade foi explorada substancialmente. A novela atingiu uma média de 15 pontos, chegando a superar a programação da Rede Globo em várias oportunidades no primeiro lugar na audiência, com picos de 36 pontos¹⁰⁴.

Assim sendo, o processo de conquista de um público cativo, combinado com a busca pela audiência¹⁰⁵, explorando o erotismo e as paisagens naturais do país, temos um tempero especial para a concorrência entre Manchete e Globo, onde a primeira explorava paisagens do centro-oeste e sul, e a última focava-se na paisagem nordestina, a exemplo da novela *Tieta* (1988) e da minissérie *Riacho Doce* (1990).

Nessa estratégia a Manchete optou por explorar uma dessas paisagens do sul do país, sendo escolhida a Ilha de Santa Catarina. Produzida entre os meses de agosto e

¹⁰² Curiosamente, a Rede Manchete encerra suas atividades em maio de 1999, passando o seu sinal a ser operado pela Rede TV!. A “televisão do ano 2000” deixa de existir antes disso. Cf. FRANCFORT, p.280-287.

¹⁰³ FRANCFORT. Op. cit. p.61-62.

¹⁰⁴ FRANCFORT. Op. cit. p.31 e 65.

¹⁰⁵ Segundo Elmo Francfort, constante nas citações deste capítulo, os três primeiros anos de vida da Rede Manchete estavam voltados para a busca de uma audiência qualificada nas classes A e B, com programas de música clássica e entrevistas. Apenas em 1986, para segurar a queda de audiência, a emissora da família Bloch muda seu público-alvo, investindo em programas infantis, musicais e novelas, bem como a programação esportiva.

novembro de 1990, foi ao ar em março do ano seguinte no horário das 22h uma minissérie em 23 episódios sugestivamente intitulado *Ilha das Bruxas*¹⁰⁶, baseando-se na obra do professor Franklin Cascaes. Segundo Elmo Francfort “a abertura, com lua cheia, gritos de bruxas e nuvens era tão realista que deixavam as crianças com medo”¹⁰⁷.

3.2 Manchete e a “Ilha da Magia”: Franklin Cascaes na TV

No rastro do sucesso da novela *Pantanal*¹⁰⁸, a Manchete voltou-se para o sul do país, mais precisamente à Ilha de Santa Catarina. A cultura popular local registrada por Franklin Cascaes ao longo de sua vida serviu de inspiração e, adaptando os relatos fantásticos, Bebel Orofino Schaefer¹⁰⁹, com o roteiro escrito por Paulo Figueiredo, a mais cara produção de minissérie da Rede Manchete, com um custo estimado por capítulo em torno dos U\$50 mil dólares¹¹⁰. Peninha conheceu Bebel desde antes da produção da minissérie e nos oferece a seguinte observação sobre o nascimento da ideia de *Ilha das Bruxas*:

Tudo começou com uma discussão que eu e a Bebel [Isabel Orofino Schaefer], aliás ela fazia estágio comigo no Museu [Universitário] e ela era legal demais e ela já havia feito um documentário chamado “Santo de Casa” que foi também o Trabalho de Conclusão de Curso dela, e é fabuloso, e foi sobre Franklin Cascaes, e ela se entusiasmava muito. Então eu percebi isso, a alma do Cascaes, ela também sentia isso. Havia uma história que eu estava desenvolvendo, “Marina, a bruxa da Barra da Lagoa”, e a Bebel estava envolvida, e dali que ela desenvolveu o roteiro e ela que ia ver essas coisas, correr atrás, eu jamais iria pensar em transformar isso em um roteiro, jamais faria uma coisa dessas. Mas ela com a ideia e a história de tanto se envolver com a obra do Cascaes, com o aspecto da literatura oral. A parte mais frágil que tem [na obra de Cascaes] é a parte oral, pois pode desaparecer, puft! E como muito das histórias da literatura oral estão relacionados com a lenda das bruxas – e é um mistério, e ela tem um poder tamanho (e ninguém acredita!), que apagou toda a obra do homem [Cascaes], só elas [as bruxas] imperam¹¹¹.

¹⁰⁶ Tudo sobre Ilha das Bruxas. **Manchete.net**. Disponível em <<http://redemanchete.net/artigos/artigo.asp?id=186&t=Tudo-sobre-Ilha-das-Bruxas>>. Acessos em 20 de maio e 23 de agosto de 2014.

¹⁰⁷ FRANCFORT. Op.cit. p.179.

¹⁰⁸ Produzido por Benedito Ruy Barbosa e escrito por Jayme Monjardim, foi o maior sucesso de audiência da Rede Manchete. Foi ao ar de 27 de março a 10 de dezembro de 1990 e teve 216 capítulos. Atingiu médias de audiência entre 36 a 40 pontos, ficando à frente da Rede Globo no horário nobre.

¹⁰⁹ Entre setembro de 2014 e fevereiro de 2015 vários contatos por meio eletrônico foram trocados visando coletar informações, via relato oral, junto a Isabel Orofino para ampliar o leque de análise sobre este capítulo. Contudo, compromissos profissionais ou particulares de ambos os lados tornaram a entrevista, por hora, inviável para ser realizada e, conseqüentemente, utilizada neste trabalho.

¹¹⁰ LOBO. Op. cit. p.15.

¹¹¹ COELHO. Op. cit.

Sobre a televisão e a relação das pessoas com este meio de comunicação, Franklin Cascaes teceu a seguinte observação:

Não tem tempo, tem que ver televisão (...). Quando veem televisão, chegam a desligar as campainhas (...). As minhas crianças quando veem televisão, elas não escutam chamar. Isso foi uma praga que surgiu. Quem pensa que ela está construindo, está muito enganado, está destruindo, isolando uma pessoa da outra, ninguém conversa mais. O senhor pode chegar numa casa e parece um velório. Todo mundo está com os olhos firmes naquela coisa. E há pessoas que não se levantam durante duas, três, quatro horas¹¹².

Certamente o professor, que de forma “profética” e objetiva demonstrou seu descontentamento com a televisão, não poderia imaginar que justo a TV popularizaria ainda mais sua obra, apropriando-se para deixar mais pessoas por uma boa parcela de tempo diante do televisor para acompanhar as histórias das bruxas da Ilha de Santa Catarina. A televisão, de forma “sutil e manhosa”¹¹³ buscou atrair o público inspirando-se nas histórias de bruxas.

As bruxas são entes que aparecem com frequência nos relatos coletados por Cascaes, onde, claramente, a bruxa aparece apenas na forma feminina, normalmente são mulheres que durante o dia estão em sua forma humana, vivendo nas comunidades e à noite “metamorfoseam-se”, aparecendo de várias formas, como galinha-choca¹¹⁴, por exemplo. As bruxas são divididas em duas categorias: as terráqueas e as espirituais, sendo estas últimas, predestinadas pelo próprio Demônio a tal missão. O foco principal das bruxas são os seres humanos, apesar de atacarem os animais¹¹⁵.

A figura da bruxa e de suas magias, construída por Cascaes em suas histórias serviu como objeto de apropriação, como vimos anteriormente, com intuito de explorar o turismo por meio da cultura popular e a natureza local, a capital catarinense em meados dos anos 1980 ganhou, entre outras, as alcunhas de “Ilha da Magia”¹¹⁶ e “Ilha das Bruxas”, sendo esta última, a escolhida pela equipe que produziu minissérie exibida na Manchete.

¹¹² CASCAES. Op. cit. p.101.

¹¹³ LOBO. Op. cit. p.4.

¹¹⁴ CASCAES, Franklin. Três bruxas viraram galinhas brancas. In: _____. O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed.UFSC, 2012, p.211-216.

¹¹⁵ CASCAES, Franklin. Mulheres bruxas atacam cavalos. In: _____. O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed.UFSC, 2012, p.55-65.

¹¹⁶ Peninha, em entrevista concedida visando este trabalho, afirma que o apelido “Ilha da Magia” nasceu dentro uma estratégia de marketing criada na agência de publicidade AS Propague em meados dos anos 1980. Já a alcunha de “Ilha das Bruxas” pode estar ligada ao fato de Franklin Cascaes ter sido conhecido como o “Bruxo da Ilha”.

3.3. Aspectos da minissérie *Ilha das Bruxas*¹¹⁷

Buscando recriar o ambiente de uma vila fictícia de pescadores do interior da Ilha de Santa Catarina no ano de 1940¹¹⁸, a minissérie *Ilha das Bruxas* possui um enredo centrado nos seguintes elementos visuais e estéticos:

- Trilha sonora dando um clima de mistério: não havia canções com letras que as acompanhassem. A música, feitas com o som da voz em tom de lamento e buscando dar a ideia de mistério e/ou medo, davam o clima em todas as cenas noturnas. A canção de abertura segue essa lógica. Nas cenas diurnas e mostrando o dia a dia da vila de Santo Antônio, a trilha sonora remontava um clima leve e alegre.
- Exploração de paisagens naturais: nas primeiras cenas da minissérie, uma legenda indica o local ser Florianópolis e a Ilha de Santa Catarina. Aparecem cenas de algumas áreas da faixa do litorânea da Ilha e outras de áreas de alguns rios. As locações escolhidas pela equipe da minissérie foi a localidade de Ratoles, onde situava-se o núcleo da vila, rios e lavouras; e Laguna, quando de cenas abertas onde apareciam regiões de dunas, entre outras locações. Nesse ponto, percebemos a escolha de um local que ainda mantinha muitas das características dos vilarejos existentes por volta dos anos 1930 e 1940. No que podemos chamar de “núcleo urbano” da vila, as casas eram sem muros, normalmente de madeira, com cômodos bem-dispostos e com o comércio próximo, no caso, uma única mercearia, onde alguns dos personagens acabavam por se encontrar por ali. No “núcleo rural” percebemos casebres de tijolos de barro e mais espaços.

As lavouras que apareceram nas cenas normalmente eram de mandioca, cultura comum na Ilha. Os meios de transporte que apareceram eram o cavalo, o carro de bois e pequenos barcos pesqueiros, contudo, na maioria dos casos, os personagens transitavam a pé. Em poucas cenas apareceram veículos motorizados e, quando surgiram nas cenas, percebeu-se associar a dificuldade em transitar pelas estradas de chão batido existentes.

- Exploração do imaginário bruxólico: ponto básico da série, as bruxas durante o dia eram mulheres da comunidade e seguiam os hábitos cotidianos da vila, porém, nas noites de lua cheia elas se encontravam e mudavam suas vestimentas e fisionomias.

¹¹⁷ Todos os episódios estão disponíveis no Youtube. Link: <www.youtube.com>.

¹¹⁸ Folha de São Paulo, 04 de março de 1991.

Destaque para dois tipos de metamorfoses exploradas na minissérie: em forma animal e em forma de mulher mais jovem. No primeiro caso, uma das personagens se transformou na “galinha choca”, descrita em conto de Cascaes e, no caso da mulher jovem, essa metamorfose era feita pela personagem da bruxa-chefe.

- Demonstração das crenças populares de curas espirituais das(os) benzedoras/benedores: a crença em buscar a resolução de alguns males de saúde ou de ordem “mágica” foi substancialmente utilizada no argumento dos capítulos. Haviam dois personagens com o dom da benzedura e que foram responsáveis por eliminar as bruxas da vila. Diversas orações e receitas para curas diversas descritas por Cascaes em seus contos apareceram ao longo da minissérie.
- Representação da figura da(o) benzedora/benedor: Ao passo que a personagem da benzedora é apresentada como uma típica moradora nativa da Ilha, que circula pela vila e atende aos pedidos para “expulsar” os embruxamentos, o personagem do benzedor é um sujeito viúvo e, em função disso entrou na vida de “salvar” as pessoas por intermédio do ato de benzer. É um sujeito solícito e com uma aparente sabedoria. Fisicamente o que chama a atenção é uma vasta barba, o que lembra o personagem da novela *Pantanal*, “O velho do Rio”. Nos contos de Cascaes não temos a presença de homens que pratiquem a benzedura, mas a produção do seriado optou por inserir este elemento à trama.
- Valorização da fé do povo local: a crença no catolicismo se fez presente ao longo dos capítulos mesmo que em muitas oportunidades, associado aos rituais para expulsar as bruxas da vila. Temos boa percepção do respeito à religião católica, a visita do padre de um vilarejo distante buscava demonstrar o respeito e a hospitalidade dos habitantes para com o clérigo.
- Pouca exploração do cotidiano dos pescadores e do linguajar característico do morador nativo do interior da Ilha: é um fato curioso, considerando que a Ilha de Santa Catarina se desenvolveu economicamente baseado na pesca artesanal. Não foi explorado o dia a dia da pesca, da vigia na identificação da aproximação de cardumes, o arrasto das redes na orla das praias, o feitiço das redes, os ranchos de pescadores não foram mencionados ou mostrados. Apesar de um dos personagens principais da trama ser um pescador, praticamente nada foi mostrado de sua vida diária, salvo duas cenas em que este está entrando na embarcação ou saindo dela e se despedindo de seus colegas. O pescador e o mar não aparecem na mesma cena. Quando surge o

personagem do pescador, fica a impressão que este está navegando em um rio ou lagoa e não em mar aberto.

Nesse ponto demonstrou-se uma escolha clara: Não é o trabalho e seus arranjos que seriam abordados, mas, tão só, o ideário “mágico” das bruxas da vila de Santo Antão.

Os nomes dos personagens por vezes não condizem com os usuais nomes encontrados nas comunidades litorâneas de origem luso-açoriana, como, por exemplo, Francisco, Joaquim, José e Manoel, Maria, etc., provavelmente uma opção da equipe de produção e direção de escapar de determinados estereótipos e arquétipos e tornar mais

3-8 Domingo, 3 de março de 1991

ILHA DAS BRUXAS



**POR ESSA MINISSÉRIE
A MANCHETE PÕE A MÃO NO FOGO**

O segredo para se fazer uma minissérie como *Ilha das Bruxas* é o seguinte:

Misture um super elenco a uma paisagem primitiva e selvagem. Adicione doses de terror, suspense, magia e uma boa pitada de amor e sensualidade. Deixe ferver a imaginação e entregue tudo a uma equipe de criadores e técnicos que faz televisão como se fosse cinema.

Experimente essa fórmula mágica todas as noites, de segunda a quinta, depois de *Ana Raio* e *Zé Trovão*. A Manchete garante que você vai ficar colado à TV.

ILHA DAS BRUXAS
ESTREIA SEGUNDA-FEIRA
4 DE MARÇO
AS 22:30H

NOVA MANCHETE
CANAL 9

Figura 1 - Divulgação da minissérie *Ilha das Bruxas*. Folha de São Paulo, 3 de março de 1991.

próximo do público em geral de um padrão de nomes que a Manchete utilizava em suas produções de novelas e minisséries. Nomes como Leandro, Juliano, Domingas aparecem entre os personagens.

A minissérie perpassa por uma série de acontecimentos sobrenaturais que ocorre na fictícia vila de Santo Antão, onde temos no primeiro capítulo um botânico estadunidense, que mora alguns anos na vila em busca de estudar as espécies da fauna e flora locais, o que fecha com as peças promocionais do folhetim veiculados em jornais dos estados

de São Paulo e do Rio de Janeiro (Ver figura 1). Ao ser guiado de barco por um pescador local, o botânico acaba por encontrar resquícios do que indica ser uma festa estranha, ocorrida em campo aberto. Assustado com o que vira o pesquisador volta rapidamente para o barco e passa a pensar sobre aquilo que observou em seu quarto alugado na casa de um dono de barcos de pesca e de sua esposa, uma benzedeira local.

A “festa” vista pelo botânico, pelo que pode se perceber pelas cenas, tratou-se de um encontro “bruxólico”, que ocorre sempre em noites de lua cheia, e nesse evento surge

outro elemento muito descrito nos relatos de Cascaes: Um bebê sendo vítima das bruxas, tendo o seu sangue sugado por elas, causando assim o enfraquecimento da mesma. Conforme o linguajar popular nesses casos, a criança sofre assim um “empresamento” e é isto o causador dos males às crianças¹¹⁹. Em depoimento a Raimundo Caruso, Cascaes deixa claro que era algo que as pessoas antigamente acreditavam para explicar determinados males de que eram acometidas as crianças:

O povo desconhecia a higiene, as mães davam aquelas chupetas para as crianças do peito, que eram um pedaço de pano, cheio, amarrado, faziam uma bola; aquilo elas molhavam na água com açúcar e davam para as crianças chupar. As crianças chupavam e depois abandonavam pelo chão. Elas apanhavam e tornavam a molhar no açúcar e botavam na boca da criança. Isso aí que embruxava a gurizada¹²⁰.

Assim como a presença das bruxas, as populações do interior da Ilha fiavam-se no poder da oração e das ações curativas feitas pelas pessoas que praticavam o benzimento. Em tempos em que o acesso a medicina “da cidade” era difícil, por uma série de fatores, a manipulação de plantas e ervas da flora local para o tratamento dos mais variados males era algo comum, somado a fé das populações daqueles tempos, o ato de benzer-se para se proteger ou aplacar algum mal externo era prática comum. Esse aspecto foi bem explorado ao longo da minissérie, seguindo vários dos relatos das histórias de Cascaes¹²¹.

A principal bruxa da trama, por intermédio de seus poderes de metamorfose passa a agir sobre o personagem do pescador aparecendo na forma de sua figura feminina mais jovem, todas as noites, sob o nome de Selene¹²², seduzindo-o. Isso abala o noivado do pescador seduzido – a noiva dele, na trama, era neta da personagem da bruxa principal – passando a mulher ser cortejada pelo filho de um grande proprietário de terras local, conhecido por Geraldo Sem Medo¹²³, que tem o perfil do homem controlador e que

¹¹⁹ CASCAES, Franklin. Estado fadórico das mulheres bruxas. In: _____. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed.UFSC, 2012. p. 77-83.

¹²⁰ CASCAES. Op. cit. p.64.

¹²¹ As posições de Cascaes em relação a cultura popular são ambíguas. Em alguns textos Cascaes buscou explicações científicas para as crenças e práticas da população. Este aspecto da obra de Cascaes merece um estudo específico.

¹²² O nome da metamorfose da bruxa principal da trama pode ser explicado pela alusão à lua, à noite, que é quando Selene aparece. Selenita é uma pedra translúcida e ligada a rituais de magia.

¹²³ O nome deste personagem bem como sua postura na trama televisiva é claramente inspirado no homônimo que aparece no conto *Orquestra selenita bruxólica*, presente no livro de Franklin Cascaes, *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed.UFSC, 2012. pp. 89-95.

subestima a capacidade feminina, no caso, de sua esposa e de sua filha que são bruxas na vila e agem contra ele por intermédio de feitiços para enfraquecê-lo.

E é nesse entrecruzamento dos personagens e suas histórias que os relatos de Cascaes aparecem adaptados dentro da minissérie. No caso do personagem Geraldo Sem Medo, este é vítima de outro feitiço bruxólico: é transformado em animal de montaria que serve às bruxas para seus passeios ao longo da madrugada. A intenção de ambas era fazer com que ele se rendesse ao poder feminino e as respeitasse, o que ocorre apenas no penúltimo capítulo, com o benzedor auxiliando Geraldo, cortando o encanto de sua esposa.

A exploração dos elementos fantásticos é evidente em todos os capítulos. É o foco central da trama, onde mostra os mistérios de Florianópolis de tempos idos. A ênfase nas ações das bruxas e em seu poder maléfico pouco a pouco passam a dividir espaço na trama com os poderes dos praticantes da arte da cura, no caso, da benzedeira e do benzedor, dois importantes personagens na trama. O cliché dramático da luta do bem contra o mal perpassa cada capítulo, o que ajuda a manter o interesse do telespectador. O elemento da fé entra no texto da minissérie no que tange a crença dos moradores da vila fictícia sobre o poder das bruxas e nos hábitos daqueles habitantes, como as orações, os cantos de reis, os ditames para o casamento que viria a ocorrer ao final da série, a presença do padre, que vem de outra vila melhor estruturada para promover o referido casamento e que testemunhou a magia do bem contra o mal, onde o benzedor luta contra a “bruxa-chefe”, derrotando-a e, ao mesmo tempo, confrontando a lógica católica em não aceitar esses acontecimentos fantásticos.

Ao fim da trama praticamente todas as bruxas são desbaratadas e o poder benéfico da benzedura prevaleceu, entrando no lugar-comum das várias tramas televisivas, onde temos a luta do bem contra o mal e os vilões sendo derrotados.

Além da apropriação dos elementos da cultura popular da Ilha da época, como a crença na força do poder das bruxas e no poder das benzedeiras, a natureza e o ambiente foram evidenciadas nas cenas. As estradas de chão batido, o uso de carros de bois, o ambiente para a prática da pesca e navegação, áreas de dunas, a vila com suas casas simples mostrava uma paisagem diferente ao telespectador. Ratonés, localidade ao norte de Florianópolis, foi o núcleo principal das gravações da trama, onde foi retratado a vila fictícia de Santo Antão. Atualmente em Ratonés podemos observar ainda alguns traços dos hábitos e práticas anotados por Cascaes na época de suas pesquisas.

Conforme se observa nos contos de Cascaes, os acontecimentos fantásticos ocorrem no período noturno, o que ajuda sobremaneira no argumento da minissérie: Os habitantes da vila atormentados pelos feitos das bruxas, onde noivados são desfeitos, crianças tem seu sangue sugado, famílias inteiras acabam sofrendo de uma forma ou outra pelo lado sobrenatural, normalmente sob a vigilância das noites de lua cheia.

Foi explorado pela produção da minissérie também que cada uma das bruxas possuía algum segredo que as fizeram entregar-se a Lúcifer – o chefe das bruxas. A personagem da bruxa-chefe, em sua juventude, se apaixonou por um jovem padre – nos relatos de Cascaes, isso era motivo para que a mulher viesse a se tornar uma bruxa – sendo este semelhante fisicamente ao personagem do pescador, o que explica a metamorfose da bruxa-chefe em Selene – que é a própria quando jovem. Outras personagens da trama – respectivamente filha e esposa de Geraldo Sem Medo – tornaram-se bruxas para se vingar dos maus tratos dados por Geraldo a elas, tanto que o conto de Cascaes em que o homem é transformado em cavalo de montaria para que as bruxas cavalguem nele pela madrugada afora é utilizado nesse núcleo da história.

Seguindo um *cliché* das tramas televisivas, os vilões pagam pelos seus erros e os personagens de boa índole acabam tendo um final feliz. Seguindo a lógica de alguns dos contos de Franklin Cascaes, as “bruxas boas”, no caso, as benzedeadas prevalecem a força de Deus sobre a bruxas más que se metamorfoseiam-se e buscam iludir e prejudicar o “homem de argila crua”¹²⁴ em seu curso na vida terrena. O poder de Lúcifer e suas seguidoras, na maioria dos casos, é derrotada pelo poder da oração e da manipulação de plantas e outras artimanhas.

A minissérie buscou cumprir com a estratégia da Manchete em mostrar “um outro Brasil”, no caso, aquele não visto comumente nos folhetins da concorrente, a Globo. Florianópolis foi apresentada, em parte, sob o nome de Vila de Santo Antão, cabendo ao espectador mais curioso ir atrás de informações atuais sobre a cidade. Por outro lado, a divulgação da cidade não se percebe exatamente na minissérie, contudo, para a pessoa que assistiu a minissérie e lia a mídia impressa, tinha melhor noção sobre o lugar retratado. No item 3.4 teremos uma ideia aprofundada sobre a repercussão de *Ilha das Bruxas* para Florianópolis.

¹²⁴ Vários contos de Franklin Cascaes presentes na obra *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, seja na edição publicada em 1979 ou na edição ampliada editada em 2012, esse termo é uma alusão ao mito de criação do ser humano visto na Bíblia. Valendo-se de um estilo “lírico”, Cascaes lançava mão desse artifício textual para tornar os textos mais envolventes e, de certa forma, poéticos.

Ao assistir a minissérie, pela ótica da obra de Cascaes, de onde veio a inspiração e adaptação, pude perceber que as escolhas para a concepção da história, focando na ação maléfica das bruxas e na tentativa de expulsar esse poder pela prática de benzedores locais, dividindo as personagens entre bons e maus, e não dando ênfase ao dia a dia dos pescadores, o trabalho nos engenhos de farinha e de fabricação de cachaça, por exemplo, além de não ter dado ênfase ao modo de falar da pessoa nativa da Ilha de Santa Catarina, buscou “vender” a capital catarinense dentro da perspectiva de *marketing* da “Ilha da Magia”, dos encantos e mistérios. O turismo, agora mais estruturado e profissionalizado, provavelmente teve nessa minissérie uma oportunidade de ver seu produto, no caso, Florianópolis, nacionalmente, por meio do sinal da televisão, em horário nobre.

3.4. Repercussão de Ilha das Bruxas

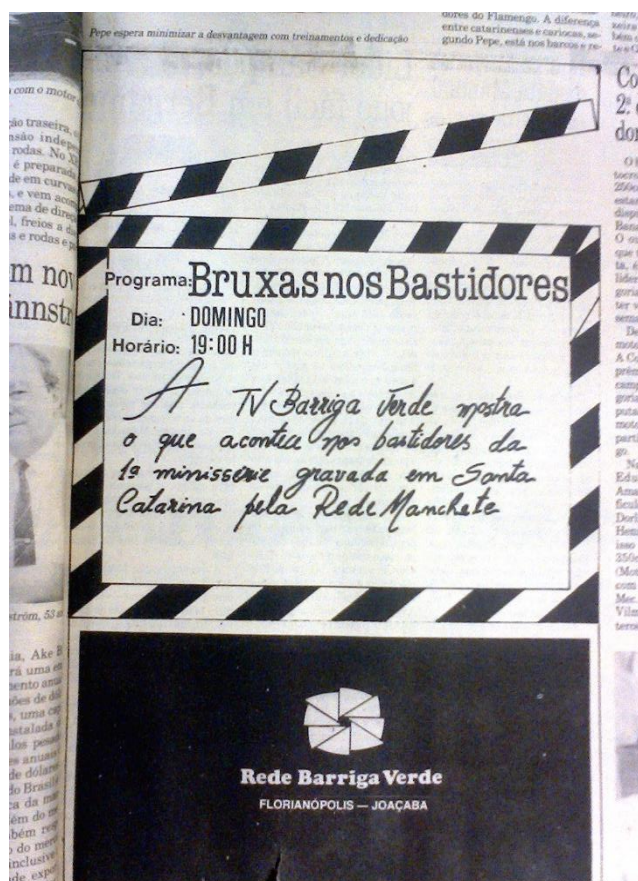


Figura 2: O Estado, 03 de março de 1991. Divulgação de programa especial sobre a minissérie Ilha das Bruxas.

Para termos uma breve panorâmica sobre o que envolveu a formatação da minissérie, a repercussão durante e depois de sua realização, apresentaremos alguns apontamentos percebidos nos jornais da época, além do ponto de vista de Peninha, que presenciou as filmagens, tendo uma percepção dos bastidores da minissérie, filmada em 1990 e levada ao ar em março de 1991.

O trabalho de promoção de *Ilha das Bruxas* foi massivo na mídia televisiva, no caso, a rede Manchete e pelo meio impresso, nas páginas do jornal O Estado (Ver figura 2). À época da produção dessa minissérie

meu pai trabalhava como motorista e segurança patrimonial na retransmissora da Manchete em Florianópolis, a Barriga Verde¹²⁵ e tenho algumas lembranças sobre aquele

¹²⁵ Atualmente a Barriga Verde é afiliada da rede Bandeirantes. Seu nome mudou para Band SC.

período. Era distribuído aos funcionários do canal catarinense materiais promocionais, principalmente, camisetas com a arte da minissérie. Em casa assistíamos à programação da Manchete e o seriado, e o que me vem à lembrança era o fato da capital ser chamada de “Ilha da Magia”. Como à época eu tinha oito anos, aquilo tudo me causava curiosidade, interesse sobre aquilo, que em minha mente, ocorria durante as noites em Florianópolis.

É sabido que a rede Globo era a emissora de maior alcance e audiência no país. Seu aparato com jornais, revistas, emissoras de rádio, bem como, evidentemente, a emissora de TV, auxiliavam sobremaneira numa maior penetração de suas produções para o grande público. A rede Manchete à época gozava do “privilégio” de ser a segunda emissora no gosto popular e, conforme abordamos no item 3.1 deste capítulo, o setor de dramaturgia trouxe esse *status* para a rede de Adolfo Bloch. As minisséries foram a aposta da Manchete para manter o capital de audiência conquistado com a novela *Pantanal*, que sobrepôs à Globo em audiência. Ainda seguindo a lógica de mostrar para o público o “Brasil que não é visto”, as produções em locações que fugiam do eixo Rio/São Paulo e das paisagens do Nordeste foram a opção da Manchete. Florianópolis gozava da oportunidade de ter pela primeira vez uma produção televisiva em seu território, se bem que algumas locações para a gravação das cenas externas foram feitas em Imbituba e em Laguna, mas grande parte do cenário de pano de fundo para Ilha das Bruxas fora rodado na comunidade de Ratoles, norte da Ilha de Santa Catarina.

Com as gravações externas na Ilha de Santa Catarina, atrizes e atores, bem como a equipe envolvida na produção da minissérie passaram a fazer parte do cotidiano das localidades onde ocorriam as cenas, como destaca Peninha, que frequentou as sessões de gravação e os bastidores da minissérie:

Sim, eu fui a vários lugares acompanhar as gravações, como Laguna por exemplo. Cheguei até a querer me intrometer, pois tinha um personagem que era muito alemão, que fazia o delegado e eu achava que tinha um ator que tinha mais as características da nossa gente, até pensei em ir ao diretor para falar sobre isso inclusive. Ainda bem que não fiz isso, porque a nossa gente não seria um delegado, mas um cara alemão? Aí sim [...] sabe. Mas eu realmente achava que não combinava com a nossa gente, mas aí que o papel estava correto pois a nossa gente não seria delegado (risos). Então eu vi muitas gravações de cenas, quando eram noturnas, quando era possível de ir, como nos finais de semana. Eu e a Bebel íamos junto [...] barbarizou a comunidade. Aonde aconteceu essas gravações causavam surpresa, hoje chega a ser normal, mas na época, ainda mais que era locação de novela, que passaria na televisão. Os atores eram maravilhosos, que chegaram aqui e ficaram espantados, inclusive aquela uma, atriz que era fabulosa *Miriam Pires (grifo nosso)*¹²⁶.

¹²⁶ COELHO. Op.cit.

Em contato informal com o artista Jone César de Araújo, em 2014, este também afirmou que as gravações da minissérie movimentaram a comunidade de Ratonés, onde este reside até os dias atuais, reforçando assim a percepção de Peninha, a respeito do mesmo acontecimento.

A minissérie foi ao ar em rede nacional em 04 de março de 1991, de segunda à quinta-feira, atingindo média de audiência na região de São Paulo de 12 pontos na escala do IBOPE¹²⁷. Infelizmente não foi possível encontrar dados da audiência de *Ilha das Bruxas* no território catarinense, mas os jornais da época (no caso, a Folha de São Paulo - FSP e O Estado) e o relato de Peninha nos dão pontos de vista diferentes sobre o alcance da produção junto à população.

Ricardo Andaraós, em nota escrita na edição da Folha de São Paulo de 06 de março de 1991, faz a seguinte análise sobre a produção:

A história recupera as lendas dos Açores, filtradas pela tradição popular da Ilha de Santa Catarina. A “Ilha das Bruxas” consegue tratar de maneira interessante o confronto entre o cristianismo e as tradições pagãs. [...] A única nota de mau gosto é a representação do *sabá* das bruxas, totalmente caricatural e dispensável¹²⁸.

O lado cômico também alcançou a produção da Manchete. Em sua coluna na Folha de São Paulo, o jornalista José Simão rende as seguintes observações: “e tá chovendo bruxas nas telas da Manchete! É bruxa de baciada. Gente, eles confundiram bruxa com espantalho! As bruxas de Avalon devem estar se revirando no túmulo” (FSP, 06 de março de 1991). Seja pela crítica analítica de Andaraós ou pelo lado cômico de Simão, vê-se que as páginas da Folha de São Paulo abriram espaço considerável para abordar a produção de *Ilha das Bruxas*. Assim conforme observado no ponto 3.3 deste capítulo, pode se perceber em ambos os excertos selecionados, que a caracterização das bruxas foi alvo de crítica negativa ou sátira.

De acordo com o diretor e escritor da minissérie, Paulo Figueiredo

Até a década de 1960, o inconsciente coletivo do pessoal de Florianópolis trazia incutido o medo das bruxas. Para os mais velhos, a existência delas era algo incontestável. [...] a história tem de ser vista como uma história de realismo mágico, as bruxas¹²⁹.

¹²⁷ Jornal FSP, 17 de março de 1991.

¹²⁸ Jornal FSP, 10 de março de 1991.

¹²⁹ Jornal FSP, 04 de março de 1991.

A respeito desse apontamento feito por Paulo Figueiredo, Franklin Cascaes, que trabalhou diretamente com a construção mítica da cultura popular da Ilha de Santa Catarina, nos oferece o seguinte ponto de vista:

Eu acredito nisso como superstição, como uma grande beleza do espírito humano, não é? Estas histórias fantásticas, do homem querendo enaltecer a natureza. O homem fantasia a natureza. Isso é uma coisa extraordinária. Viver nesse ambiente, onde não se tem de pagar impostos, não tem nada de política, não tem nada disso. Os entes são todos fantásticos. A gente dirige essas figuras para onde quer. Por isso, essa vida aqui, dentro desse quarto, para mim, é como se estivesse no paraíso. Todo esse material que consegui organizar, e porque além disso tudo isso aqui não tem ninguém para me incomodar. Agora, quando abro esta porta já recebo recados, o imposto de renda, a conta de luz, do gás, do aluguel, que está faltando carne, que está faltando feijão. Aqui nesse quarto não tem nada disso. A feijoada da bruxa não gasta nada¹³⁰.

Os mitos e superstições são forma de construção de um mundo que busca explicar o nosso mundo e Cascaes tinha plena consciência disso, juntando esses “mundos”, juntando fragmentos e construindo outras histórias, por meios de seus desenhos e contos. Bebel Orofino, Peninha e Paulo Figueiredo valeram-se disso e, no caso da minissérie, o imaginário local serviu plenamente para os desígnios mercadológicos da Manchete.

A imprensa local, em especial, o jornal O Estado, repercutiu a estreia da minissérie na edição de 07 de março de 1991, em coquetel ocorrido no Costão do Santinho e reuniu a produção da minissérie e os setores público e privado envolvidos com a questão cultural e turística da cidade. Ao longo da matéria, compartilhamos as seguintes informações:

A produção foi feita pela TV Manchete, baseada em um projeto da jornalista Bebel Orofino sobre a obra de Franklin Cascaes. O primeiro episódio, assistido em um telão montado no Costão do Santinho, só não surpreendeu pela qualidade porque pelo menos nesta área, a Manchete não tem deixado a desejar. [...] quem saiu deste trabalho com gosto de sucesso na boca foram Bebel e Peninha (Gelci Coelho), os verdadeiros “heróis da resistência” na luta de manter e colocar em local de destaque a cultura popular do litoral catarinense. [...] As imagens exploram com o olho mágico a beleza local, fazendo festa para a prefeitura municipal de Florianópolis e sua fundação Pró-Turismo¹³¹.

A matéria acima citada rende elogios à produção da Manchete e alça Bebel Orofino e Peninha à categoria de “heróis” da preservação da cultura do litoral catarinense. De forma irônica, mas com uma boa dose de realismo, a matéria aponta que a minissérie

¹³⁰ CASCAES. Op. cit. p.25.

¹³¹ Jornal O Estado, 07 de março de 1991.

traria bons horizontes ao *trade* turístico da capital. O local da exibição do primeiro capítulo de *Ilha das Bruxas* é de propriedade do empresário Fernando Marcondes de Matos, não por acaso, fundador e presidente, à época, da PROTUR. Aqui temos uma ótima evidência de que a obra de Franklin Cascaes foi o ponto convergente para unir os mais variados interesses, no caso, o cultural, o turístico e o empresarial, fora outros usos e apropriações.

Em informe publicitário publicado em 1991 no jornal *O Estado*, a PROTUR divulga as atividades ocorridas entre 1990 e 1991. Dividido em subitens, a PROTUR divulga a entrega do prêmio “Pilão de Ouro”, criado pela entidade para agraciar aqueles que se destacaram “de forma direta ou indireta, uma participação decisiva no desenvolvimento do turismo em Florianópolis”¹³². Entre as agraciadas com o prêmio, apareceu a Rede Manchete/ TV Barriga Verde que, de acordo com a justificativa dada pela PROTUR, “pela contribuição que está dando na divulgação de Florianópolis através das minisséries *Ilha das Bruxas* e *O Farol*”¹³³.

Esse informe da PROTUR também evidencia a articulação do setor econômico e turístico, onde o elemento da cultura local serviu de base para a promoção da capital catarinense. A obra de Franklin Cascaes, aparece como elemento importante mais uma vez na divulgação de Florianópolis no cenário nacional.

O colunista do jornal *O Estado*, Miro, às vésperas do aniversário de Florianópolis (23 de março) destaca e nota a Rede Manchete/TV Barriga Verde:

A Rede Barriga Verde está presenteando de uma maneira toda especial a cidade de Florianópolis nesta semana da comemoração dos seus 256 anos. Foi montado um belíssimo clip, de 1 minuto, sob a coordenação de Jorge Cunha e sua equipe, com cenas da Ilha e uma bonita mensagem. Além disso, todos os artistas da Rede Manchete que participaram da minissérie *Ilha das Bruxas* gravaram, sem cachê, mensagens de parabéns à cidade que tão bem os acolheu. Uma mensagem simples, mas tenho certeza, feita com muito carinho¹³⁴.

Os meios de aproximar os interesses mercadológicos de divulgação de Florianópolis ligado ao apelo sentimental de pertencimento faziam tacitamente o trabalho de fortalecimento da Manchete no cenário regional, por meio de uma produção utilizando paisagens da capital catarinense e agraciando-a com mensagens de agradecimento. Ainda me valendo de minhas lembranças de infância, a minissérie ajudou, de alguma forma, a

¹³² Jornal *O Estado*, 22 de março de 1991.

¹³³ Jornal *O Estado*. *Idem*.

¹³⁴ Jornal *O Estado*, 21 de março de 1991.

aguçar o interesse para as “coisas da Ilha”. Opinião não partilhada por Peninha que, tendo vivenciado, desde o nascedouro do projeto até sua exibição em rede nacional, certamente nos dá uma melhor panorâmica sobre a repercussão da produção exibida pela Manchete em 1991:

Eu acho que o Brasil não viu a novela, passava em horário tardio e então ninguém viu essa novela. E sabe a Manchete não era assim uma Record, ou melhor, uma Globo. Porque se fosse numa Globo o Brasil inteiro veria, mas a Manchete não tinha esse crédito, no Brasil ninguém viu, mas na Espanha sim, tanto que diziam que era exibida às 18h ou 18h30. Nós não vimos. [...] Eu acho que as pessoas não acreditaram, sabe. Porque essas coisas eram feitas apenas em São Paulo, Rio de Janeiro, no grande eixo. Fazer uma novela aqui? Creio que foi umas das primeiras que saíram do eixo Rio-São Paulo para fazer. Santa Catarina era praticamente desconhecida, até hoje é assim¹³⁵.

Ponto interessante dessa observação de Peninha é o fato da minissérie ter sido vendida para canais de televisão no exterior, sendo exibida no final da tarde, ou seja, Florianópolis, de certa forma, por meio de elementos da cultura registrados por Franklin Cascaes, foi “mostrada” para além das fronteiras brasileiras. Nos faltam elementos que possam nos dar maior clareza sobre algum incremento para o turismo a exibição da minissérie no exterior. Contudo, em termos de turismo interno, a temporada de verão seguinte a exibição de *Ilha das Bruxas* e, pouco tempo após, da minissérie *O Farol* ajudaram a alavancar o interesse pelo litoral catarinense, em especial, Florianópolis. Somado a estratégias mais articuladas entre os setores público e privado, como a SANTUR, SETUR, FCFFC e PROTUR, temos aqui mais uma evidência que pode ligar a obra de Franklin Cascaes como motor propulsor para muito do que fora construído para ampliar a capital catarinense em termos culturais e turísticos.

¹³⁵ COELHO. Op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar o modo como a articulação entre a divulgação turística de Florianópolis e aos discursos foram se forjando em Florianópolis. Foi tomado como ponto de partida a obra de Franklin Cascaes, problematizando os processos de ressignificação da cultura popular local, servindo posteriormente de elemento para que o turismo fosse um produto viável para a capital catarinense.

Ao analisarmos os aspectos da questão da cultura provenientes do I Congresso Catarinense de História, em 1948, o que difere o ponto de vista dos congressistas ao de Cascaes reside na percepção destes sobre determinados aspectos culturais: se Cascaes observava e registrava ao pé da letra o que ouvira, ou seja, o linguajar cotidiano dos habitantes da Ilha, os organizadores do Congresso percebiam a cultura de matriz portuguesa pelo lado comportamental, dos hábitos e práticas. Esses diferentes pontos de vista deram tônicas diversas para o trabalho sobre a cultura do litoral catarinense.

Cascaes trabalhou, dentro de uma metodologia particular, tudo que ouvira, percebera e registrava, tendo a liberdade de juntar os pontos e recriar histórias, reinventando o extenso material coletado. A elite local construiu um caminho diferente, onde buscou solidificar os discursos de fortalecimento da cultura de origem portuguesa por intermédio de aspectos comportamentais e de práticas culturais.

Nos anos 1970 Franklin Cascaes e sua obra acabam sendo “descobertos” por Gelci José Coelho, o “Peninha”. Cascaes foi inserido no circuito artístico da capital catarinense nos anos 1970 e sua carreira entra em um processo ascendente, onde tudo o que produziu e ainda produzia passa a ser amplamente visto, como no Studio A/2 e na UFSC, em Florianópolis, bem como cidades de outros lugares de nosso país, como São Paulo e Brasília.

Essa aproximação de Peninha e Cascaes levou a duas variáveis: se, por um lado, isso foi positivo para Cascaes visto que sua obra foi colocada à luz da curiosidade do público em geral, por outro lado as preferências de Peninha a respeito do elemento fantástico e, conseqüentemente, destacando-o para o grande público, acabou por limitar toda a obra de Cascaes, posto que o elemento fantástico das bruxas e seres metamorfoseados ganhou um lugar de destaque tal que a grande parte da produção feita por Cascaes ficou silenciada. A cultura de Florianópolis acabou por ser vista por esta perspectiva, em detrimento da valorização das práticas dos habitantes do interior da Ilha. Figuras como o pescador, rendeira, benzedeira, trabalhador nos engenhos de farinha,

ficaram ofuscadas com a delimitação e redução da obra de Cascaes pela perspectiva do mágico, escolhido por Peninha.

O circuito acadêmico e artístico, que resistiu a seus métodos de pesquisa a respeito da cultura popular de Florianópolis, passou a reconhecê-lo, destacando aqui três momentos: seu ingresso na UFSC, em 1973, no Museu de Antropologia; a tese de Adalice Maria de Araújo, defendida em 1977, em que Cascaes é estudado em um dos capítulos e alçado a categoria de “mito vivo” da arte catarinense; e a doação de todo o acervo de registros, gravações, desenhos e esculturas para o Museu Universitário da UFSC, em 1980. Estes fatos, somados a outros explicitados ao longo desse estudo, demonstram que Cascaes teve sua obra colocada em um patamar de registro da cultura popular de Florianópolis passando a confundir-se com a própria cultura da capital catarinense.

O turismo se valeu bem de determinados aspectos registrados por Cascaes. Criou-se a imagem de Florianópolis como sendo uma Ilha de encantos a quem a visitava. De uma capital que não conseguia atrair grandes quantidades de turistas sofreu um intenso processo de transformação em sua paisagem. Do caráter rural, pesqueiro, calmo, para uma urbanização intensa, em que a especulação imobiliária andou junto com a exploração do turismo.

Dentro de bem-sucedidas estratégias de *marketing*, Florianópolis ganhava a alcunha de “Ilha da Magia” e esse uso se amplia com o estande de divulgação de Florianópolis no XVI Congresso Nacional da ABAV, ocorrido em São Paulo em agosto de 1988, onde artistas fizeram performances no evento representando e apresentando os “mistérios” a serem descobertos por aqueles que visitassem a Ilha de Santa Catarina.

Peninha novamente apareceu, pois foi ele quem recebeu a tarefa da prefeitura municipal de Florianópolis de produzir o estande de divulgação para o Congresso da ABAV de 1988, sendo a escolha dele em homenagear Franklin Cascaes um fator importante. Não houve uma estratégia do poder público ou privado exatamente, mas uma oportunidade aproveitada em que uma obra serviu de base e inspiração. Os interesses individuais (no caso de Peninha) em mostrar sua arte por intermédio da obra de Cascaes encaixou-se com a estratégia do poder público em divulgar a “Ilha da Magia”, a “Ilha das Bruxas de Cascaes”, ou, como a TV Manchete cunhou no nome da minissérie baseado na obra dele, “Ilha das Bruxas”.

O evento da ABAV, mais precisamente a divulgação feita de Florianópolis, repercutiu na imprensa local, em especial, nas páginas do jornal O Estado. O “produto” Florianópolis foi “vendido” pela criatividade de Peninha, que, reduzindo a diversificada

produção de Cascaes, valeu-se do elemento fantástico para promover a “Ilha da Magia”. Um indício dos resultados colhidos com a divulgação nesse evento em 1988 pode ser observado com a criação da PROTUR, entidade fundada em 1989 por empresários do setor hoteleiro e que atuou em parceria com a prefeitura municipal de Florianópolis em ações de promoção e divulgação da cidade.

Anos mais tarde a televisão entrou no horizonte de divulgação da cidade para o país, com a exibição da minissérie *Ilha das Bruxas*, em 1991. A minissérie de certa forma contribuiu para a solidificação da ideia já explorada no turismo dos encantos e magias de Florianópolis, aproximando os caminhos da cultura e turismo. O *marketing* da televisão serviu a propósitos que beneficiaram o poder público e o empresariado da capital catarinense. Aspectos da cultura local coletados por décadas por Franklin Cascaes ajudaram a cruzar os caminhos entre o turismo e cultura, os interesses se complementaram.

Ao público catarinense a minissérie *Ilha das Bruxas* solidificou ainda mais a ideia de “Ilha da magia”, em que “Florianópolis é a terra dos casos e ocasos raros”¹³⁶, onde o encanto e o mistério dão tempero especial para que a capital catarinense tenha um modo peculiar de apropriar-se de uma parcela importante de sua história.

A epopeia¹³⁷ da chegada de famílias portuguesas advindas do arquipélago dos Açores em grande monta a partir de 1747, foi um dos pontos de partida para uma série de construções e apropriações entre as décadas de 1950 e 1980, e um primeiro momento, pela intelectualidade local e, ao fim, pelo setor público e por aqueles envolvidos com a questão turística.

A obra de Franklin Cascaes acabou por se tornar, principalmente ao longo da década de 1980, um elemento convergente entre os envolvidos com a cultura, turismo e administração pública. Florianópolis goza hoje de prestígio no turismo interno e dos países vizinhos, como Uruguai e Argentina em uma construção engenhosa ao longo de décadas, onde diversos caminhos foram se entrecruzando e serviram aos mais diversos propósitos.

¹³⁶ Frase atribuída ao professor e jornalista Amaro Seixas Neto (1924 – 1984).

¹³⁷ Cf. PIAZZA, Walter. **A epopeia açóric-madeirense: 1748-1756**. Florianópolis: Ed.UFSC; Ed.Lunardelli, 1992.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de História**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. 2.ed.

BATISTELA, Kellyn. **Franklin Cascaes**: Alegorias da modernidade na Florianópolis das décadas de 1960 e 1970. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

CHARTIER, Roger. “**Cultura Popular**”: revisitando um conceito historiográfico. In: Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol.8, n.16, 1995. p.179-192. Tradução: Anne-Marie Milon Oliveira.

ESPADA, Heloísa. **Na cauda do Boi Tatá**: Estado do processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis. Ed: Letras Contemporâneas, 1997.

FRANCFORT, Elmo. **Rede Manchete**: aconteceu, virou história. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GONÇALVES, Janice. **Defender o patrimônio tradicional**: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948-1958. Patrimônio e Memória, São Paulo. Unesp, vol. 8, n.2, jul/dez 2012. p.4-25. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/292/339>>. Acesso em: 03 de abril de 2015.

HACHMANN, Juliana. **Cultura popular e modernidade**: a Comissão Catarinense de Folclore e as articulações com o turismo em Florianópolis (1948-1980). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Graduação em História. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEAL, João. **Cultura e Identidade Açoriana**: o movimento açorianista em Santa Catarina. Florianópolis: Ed.UFSC, 2007.

LINS, Hoyedo Nunes. **A “Ilha da Magia” e seus alquimistas**: Alto relevo de processos recentes numa cidade-capital. XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – Enanpur. Florianópolis. 2009. Disponível em: <<http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/issue/view/99>>. Acesso em 19/05/2015.

_____. Herança açoriana e turismo na Ilha de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, vol.10, n.14, 1993. pp. 89-117.

LOBO, Narciso Júlio Freire. **A busca por uma teledramaturgia nacional**. XXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Manaus. 2000. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/764d5de334fed8d406739f315b7e38ab.pdf>>. Acesso em 24/07/2014.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro**: relações de poder e cultura urbana Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

MEIRA, Denise Araújo. **O Mestre e o Artista**: algumas notas sobre a escrita biográfica e sobre Franklin Cascaes. Anais da IV Encontro Regional Sul de História Oral. Florianópolis. 2007. Disponível em: < <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/anais.htm> >. Acesso em: 13/04/2014.

_____. **Rompendo Silêncios**: A trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941-1970). Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Educação. 2009.

_____. **Literatura, história e identidade nacional.** In. Revista Vidya, Santa Maria. n.33, p.9-27, jan/jun 2000. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/literatura.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2014.

PIAZZA, Walter. **Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.** Estudo Histórico-Analítico (1896-1996). Florianópolis: UDESC, 1996.

_____. **A epopeia açóricomadeirense: 1748-1756.** Florianópolis: Ed.UFSC; Ed.Lunardelli, 1992.

PORTO, Bea; LAGO, Fernanda. (Orgs). **É tudo mentira: a história segundo Beto Stodieck.** Florianópolis: Verde Água Produções Culturais. 1999.

SAYÃO, Thyago Juliano. **Nas Veredas do Folclore: Leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975).** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 2004.

SERPA, Élio Cantalício. A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas.** V.14, nº 20. Florianópolis. 1996. pp 63-79.

SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes: Uma cultura em transe.** Florianópolis - SC: Insular, 2002.

WEHLING, Arno ... [et al] (org). **Cem anos do Contestado: memória, história e patrimônio.** Florianópolis: MPSC, 2013.

JORNAIS

O ESTADO. Edições de 05, 06, 07, 09 e 13 de outubro de 1948.

_____. Edição de 24 de agosto de 1988.

_____. Edições de 07, 21 e 22 de março de 1991.

FOLHA DE SÃO PAULO. Edições de 02, 03, 04, 07, 10 e 17 de março de 1991.

A GAZETA. Edições de 23 de março e 28 de abril de 1957.

_____. Edições de 07 de novembro e 31 de dezembro de 1958.

_____. Edições de 15 e 24 de janeiro; 20 de fevereiro; 02, 03, 07, 10 e 11 de abril; 04 de agosto de 1959.

INTERNET

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Fundação Franklin Cascaes.**

Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?pagina=home&menu=0>>. Acesso em: 26 de maio de 2014.

Tudo Sobre Ilha das Bruxas. **Manchete.net.** Disponível em

<<http://redemanchete.net/artigos/artigo.asp?id=186&t=Tudo-sobre-Ilha-das-Bruxas>>.

Acessos em 20/05 e 23/08/2014.

FONTES

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha: Mito e magia na arte catarinense.** Florianópolis – SC: Ed. UFSC, 2008.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Imprensa Universitária UFSC, 1979.

_____. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed.UFSC, 2012.

_____. **Vida e arte, e a colonização açoriana:** entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo Caruso. Florianópolis: Ed. UFSC, 1989. 2ªed. revista.

COELHO, Gelci José. **Entrevista.** Palhoça: Residência do entrevistado, 02 out. 2014. Entrevista concedida à Alan Cristhian Michelmann, para análise de dados em trabalho de conclusão de curso.

MINISSÉRIE. **Ilha das Bruxas.** Rio de Janeiro, Rede Manchete de Televisão, março e abril de 1991. Programa de TV. Disponível em <https://www.youtube.com/results?search_query=Ilha+das+bruxas>. Acesso em: 02 de maio de 2014.

OLIVEIRA, Antonio Pereira. **História do Turismo em Florianópolis:** Narrada por quem a vivenciou (1950-2010). Florianópolis: PalavraCom Editora. 2011.